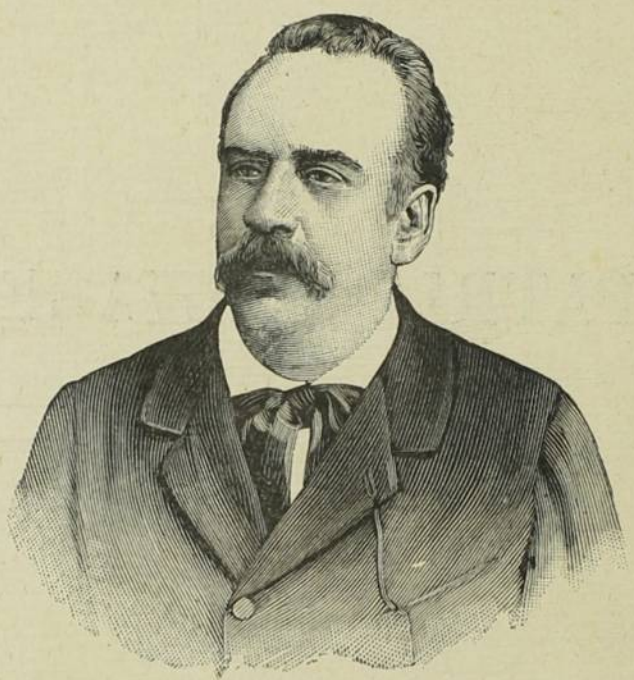
MELLO MORAES FILHO

PATRIA SELVAGEM

LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO

LIVRARIA LEALDADE
ALVARO Sª JORGE & Cia
RUA BOA VISTA N.62
TEL. CENTRAL 3257
S. PAULO

PATRIA SELVAGEM



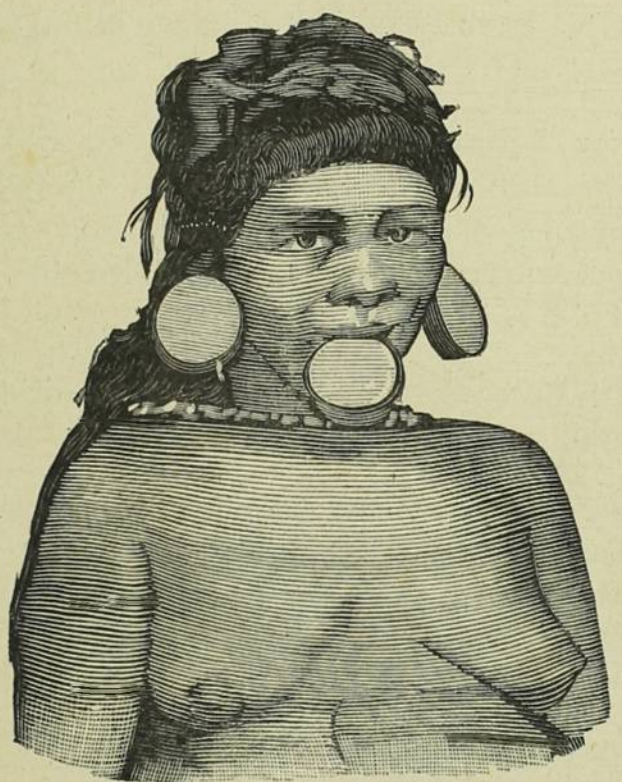
Renato Moraes da Silva
Janeiro 1926

MELLO MORAES FILHO

PATRIA SELVAGEM

A FLORESTA E A VIDA

MYTHOS AMAZONICOS — OS ESCRAVOS VERMELHOS



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUE MOREIRA-CEZAR, 71
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIZ

OBRAS DO Dr MELLO MORAES FILHO

Cancioneiro des Ciganos, Poesia popular dos Ciganos da Cidade-Nova, precedida de um estudo sobre a genealogia de seu caracter poetico, contendo fórmulas magicas, velorias e superstições desse povo. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br . . 2$000

Cantos do Equador, 1 v. in-8.°enc. 3$000, br. 2$000

Ciganos no Brazil (Os), contribuição ethnographica, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Curso de Litteratura Brazileira, ou escolha de varios trechos em prosa e verso de autores nacionaes antigos e modernos, seguido dos *Cantos do Padre Anchieta*, 3.ª edição consideravelmente melhorada. 1 v. in-8.° enc. . . . . 6$000

Mythos e Poemas, Nacionalismo. 1 v. nitidamente impresso, enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Parnaso Brazileiro, comprehendendo toda a evolução da poesia nacional desde 1556, época em que foi representado o *Auto de S. Lourenço*, do padre Anchieta, até 1880. 2 grossos v. in-8.° enc. 10$000, br. . . . . 8$000

Poème de l'Esclavage. 1 v. in-8.° br. . . . . 2$000

Quadros e Chronicas, com um estudo por Sylvio Romêro, 1 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 5$000

Revista da Exposição Anthropologica, obra illustrada com gravuras em madeira. 1 v. in-folio, enc. . . . . 10$000

A FLORESTA E A VIDA

A FLORESTA E A VIDA

NAÇÕES AMAZONICAS

O valle do Amazonas é o Josaphat das naçôes indigenas. Alli chegaram ellas para morrer e lutam para viver.

Diante da anthropologia, como do anjo do juizo final, levantam-se as geraçôes mortas; e da reunião dos ossos, do colorido dos tegumentos, dos mythos, instituiçôes e costumes, restaurar-se-ha o grande exemplar das tribus, quasi apagado pela natureza como uma palavra mal escripta que abre lugar á outra mais perfeita.

A semelhança das salamandras, os missionarios bordejaram em redor desse cahos, e ainda poderam observar a sombra dos Titans americanos aos clarões dos dias primitivos.

O padre Manoel da Motta, da Companhia de Jesus, missionario notavel que fez uma entrada no Amazonas em 1721, refere, segundo documentos ineditos que temos á mão, factos de importancia capital para complemento de investigações, mencionando nações indianas desapparecidas nas florestas nataes, unicamente existentes na tradição oral das malocas e das tribus.

E para onde foram ellas?

Não o dizem as palmeiras no seu farfalhar continuo, nem as cachoeiras nas suas vozes eternas.

De quasi todas o valle do Amazonas é um tumulo, do qual jámais a inscripção poderá ser inteiramente lida, porque muitos caracteres faltam.

Traçando com uma rasoura o nivel que accommoda os povos das regiões por elle exploradas, diz o missionario chronista :

« A policia daquella gente é a mesma barbaridade, os mesmos costumes e o que pede o appetite; o vestido nem ainda o que pede a honestidade; o comer o que mata a setta, o que pescam nos rios e o que produzem as plantas. Muitas nações comem os seus mortos sem asco, comem filhos a paes e paes a filhos. Dormem onde os

INDIA AMAZONA.

apanha a noite, e como féras se mettem pelos matos e brenhas. Outros habitam em choupanas, cobertas de palmas e levantadas sobre esteios, para que nas enchentes dos rios lhes passem estes por baixo sem damno. Assim moram por aquelles alagadiços gentes populosas; assim vivem ainda muitos Nheengahybas, Gaxanaz, Momexanaz. A ignorancia da divindade e da outra vida é summa, assim como está escurecida entre elles a lei da razão. »

O chronista inedito, fallando da variedade de raças, fornece-nos preciosas noticias e de elevado alcance, como as seguintes :

« Muito se tem dito dos gentios que andam por aquelle sertão, e bebem em tão dilatado rio. Nesta classe estão os Matuzus, ou pés virados : as Amazonas, quaes as da Scythia, entre o rio Tanais e termo deste; os Goiajazes (pigmeus); os Curinquians (gigantes). Entre a variedade de creaturas, que o mundo novo nos mostrou, não condemnou por fabuloso todo o referido. Nações inteiras houve differentes em linguas e condições naquella vastidão de terras, que com guerras acabaram de todo e foram total destroço pela furia dos

contrarios. Dellas passou talvez a noticia por tradição viva de paes a filhos e destes pôde chegar aos europeus, em cujos espiritos nos ficou a memoria, a uns crivel, a outros suspeita. »

Proseguindo em considerações, o padre Manoel da Motta confirma a sua descoberta dos gigantes e mais tribus, nestes termos :

« No anno de 1721 entrei pelo rio dos Tocantis, que descarrega com larga correnteza no das Amazonas e, depois de riscos evidentes e trabalhos immensos, descobri os povos Taquanhinas. Passei avante e cheguei aos Otoeporaz, tão estranhos e verdadeiramente novos, que tinham por asco ver homens vestidos. Não contente com render inimigos ordinarios, passei a buscal-os maiores.

« Chegando á vista não de aldeia, mas grande cidade, reconheci habitavam juntas seis nações differentes, cada uma com seu principal, e animei-os com docilidade. Guararizes é o nome destes povos. São como gigantes e de entendimento não barbaro. »

Tomando este depoimento de testemunha digna de fé, que fizemos resurgir da luminosa poeira

dos nossos archivos, juntamos mais uma prova ás discussões da sciencia.

Oxalá se possam ellas amontoar abundantes, legitimas e incontestaveis, em torno dos fragmentos insepultos do homem americano.

O DIALECTO DOS BOTOCUDOS

Parece-nos cada vez mais real o que diz Balbi na *Introduction à l'Atlas Ethnographique*, quando, referindo-se ao Brazil, o chama de « paiz desconhecido » da ethnographia americana; porquanto, Martius calcula em trezentos os idiomas de nossos indigenas, quasi actualmente desapparecidos com a desapparição das tribus.

Não nos recordamos que viajante, fallando do Amazonas, o classifica de Babel na confusão das linguas, o que se harmonisa com o pensar de Acuña e Simão de Vasconcellos, que mencionam mais de quarenta tribus que habitavam-lhe as margens, não apresentando na linguagem relação alguma com a tupí, além dos nomes das mesmas tribus e dos lugares de suas povoações.

Autores antigos e de pesada opinião na materia, agrupam os nossos indios em duas raças : a tapuia e a tupí, sendo aquella, em razão das guerras intestinas, sacudida para fóra do litoral, em tempos anteriores á corrente invasora européa.

A lingua tupí, guarany-brazileira, ou lingua geral, estende-se vastissima, e sua região ethnographica é limitada pelo Atlantico, pelos Andes, o Prata e o Orénoco.

Por falta de vocabulos o estudo de todas as familias é hoje um impossivel; e debaixo dos pés dos caçadores de homens, desses assassinos dos perseguidos selvagens, dorme esmagado muito talisman precioso contra os naufragios da anthropologia, muita flôr de linguagem que constituiria a fortuna da poesia e da litteratura nacional.

Qual a causa das differenças dos idiomas da America Meridional, onde os povos primitivos conservam uniformidade de costumes e usos, inclusive o da anthropophagia, do que sobram vestigios na generalidade das tribus?

As modificações climatericas não bastam para o demonstrar.

Se alguma luz puder esclarecer a discussão,

devem ser as considerações de Southey, attribuindo á prodigalidade das vogaes, em todos os dialectos, a impersistencia dos caracteres fixos das linguas guarany-brazileiras.

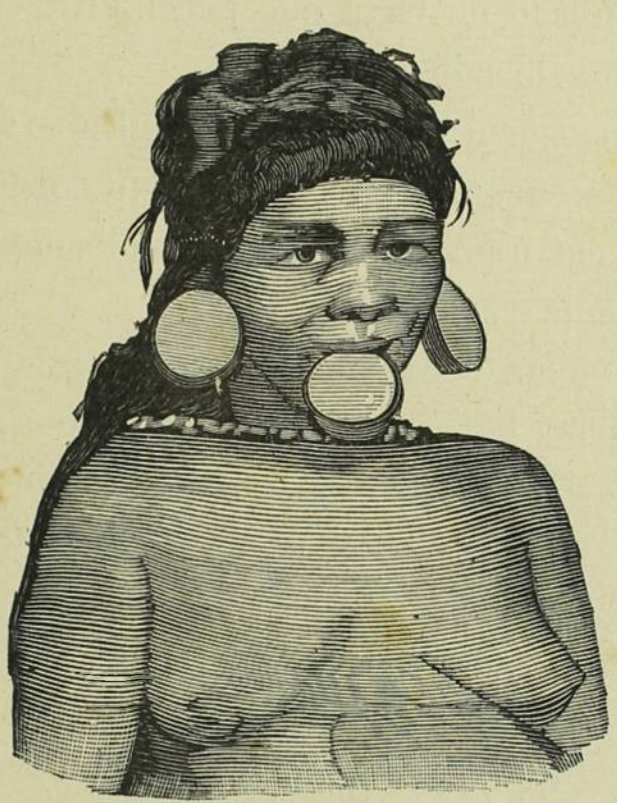
O dos Botocudos, dos terriveis Aymorés, independente de pertencer ao quadro das linguas tapuias, como pretende Simão de Vasconcellos em opposição a Southey, justifica a regra no tocante ás nuanças e excede-as na phonetica.

Forçados pela distensão rompente do labio inferior, em consequencia da rodella, os sons que lhes distinguimos são gutturaes, nazaes e aspirados. Fallam esses gentios com os dentes cerrados. A insufficiencia do ar aspirado pela boca dilata-lhes as narinas no trabalho de compensação; seu olhar é sem lume, os musculos da face sem mobilidade, o que mais accentúa a ferocidade cruel dessas physionomias barbaras.

A sua termologia é simples, vigorosa e instrumentada de onomatopéas homericas. Sem opulencia de consoantes, os sons das lettras confundem-se e as demarcações são imperceptiveis.

No dialecto dos Botocudos não ha generos; as quantidades numericas vão de um até cinco; os

verbos, segundo o principe de Newied, só têm o infinito, participio e duas pessoas, no que discorda do Sr. major França Leite, que lhes reco-



INDIA AYMORÉ.

nhece unicamente o primeiro tempo. Na maioria dos casos são occultos, subentendem-se; por exemplo : Eu tenho fome — *nhick chingorane*, de *nhick* eu, e *chingorane* fome. O *h* é de ordinario guttural : assim em *herehe*, bonito

bom, e *huruhú*, muito, na terceira syllaba.

O *muito*, porém, significando multidão, quantidade indeterminada, costumam represental-o por um punhado de terra que peneiram d'entre os dedos espalhando ao acaso.

A linguagem destes indios esquiva-se a saudações. Se encontram na floresta um conhecido, param em frente um do outro, olham-se, riem alvarmente e conversam.

Em onomatopéas nunca ouvimos nada de mais bello, mais imitativo, grandioso e energico, do que o murmurar soturno desses asperrimos filhos das selvas, quando os tufões ululam rosnando nas mattas virgens : — *Thoorú jack-jemm !* — o vento está zangado.

É o pavor supersticioso do anthropomorphita assaltado por uma força que não póde ver! É um elemento embuçado n'uma phrase, uma tempestade que se agita dentro de uma palavra !

Este dialecto, apezar de ser, como propendemos a suppor, uma mutilação do corpo da lingua geral, não se afasta della no brilho das côres e na sonoridade, embora rudimentar, das syllabas.

Intercalado de palavras compostas, de expressões significativas e restando ainda specimens de estylo, devéras interessaria o seu estudo ao desenvolvimento da linguistica.

CAUSAS DA EXTINCÇÃO DOS INDIOS

Mesmo que não fossem as guerras intestinas, guerras prolongadas e repetidas, fazendo estacinoar ou extinguindo lentamente as raças indigenas do Brazil, em presença de duas raças novas, o portuguez e o negro, o caboclo capitularia fatalmente, por isso que, causas physiologicas e morbidas, o tornam incompativel á adaptação dos meios.

Á semelhança de algumas populações da Africa, o Carayba e o Tappe desappareceram sem causas bem evidenciadas. O aborto provocado pelas mulheres de varias tribus, principalmente as Guaycurús, se concebem antes da idade de trinta annos, motivando a não existencia de gerações e

occasionando a morte por molestias puerperaes; o somno perto da fogueira com as crianças, amiudando desastres; os sacrificios humanos, a nostalgia da cabana, da tribu e da aldeia, fornecendo contingente á destruição; no actuar constante de annos e poucos seculos, bastariam para a extincção progressiva desses povos de resistencias organicas susceptiveis, entre os quaes os usos e costumes parecem os arautos do ultimo dia.

Pelo inconsciente da historia, pelo providencial do acaso, o europeu e o africano antepuzeram-se ao indio.

As correrias, a caça das *bandeiras*, as grandes epidemias importadas pelo europeu dizimavam os indomitos aborigenes, ao passo que o jesuita os aldeava a custo, e que o negro associava-se ao branco nas fadigas do labor e na conquista do territorio.

Se de um lado havia a escravidão e a violencia que os afugentavam, augmentando-lhes as preoccupações que concorrem para especiaes estados pathologicos, do outro havia os habitos oppostos á liberdade selvagem, que os incompatibilisavam,

como até agora, com a passagem brusca para a civilisação

Comparaveis a varios animaes que são feridos de esterilidade em captiveiro, os indios são excepcionalmente fecundos fóra das suas florestas. É o caso que se dá com os inglezes na India e com os hollandezes em Malaca.

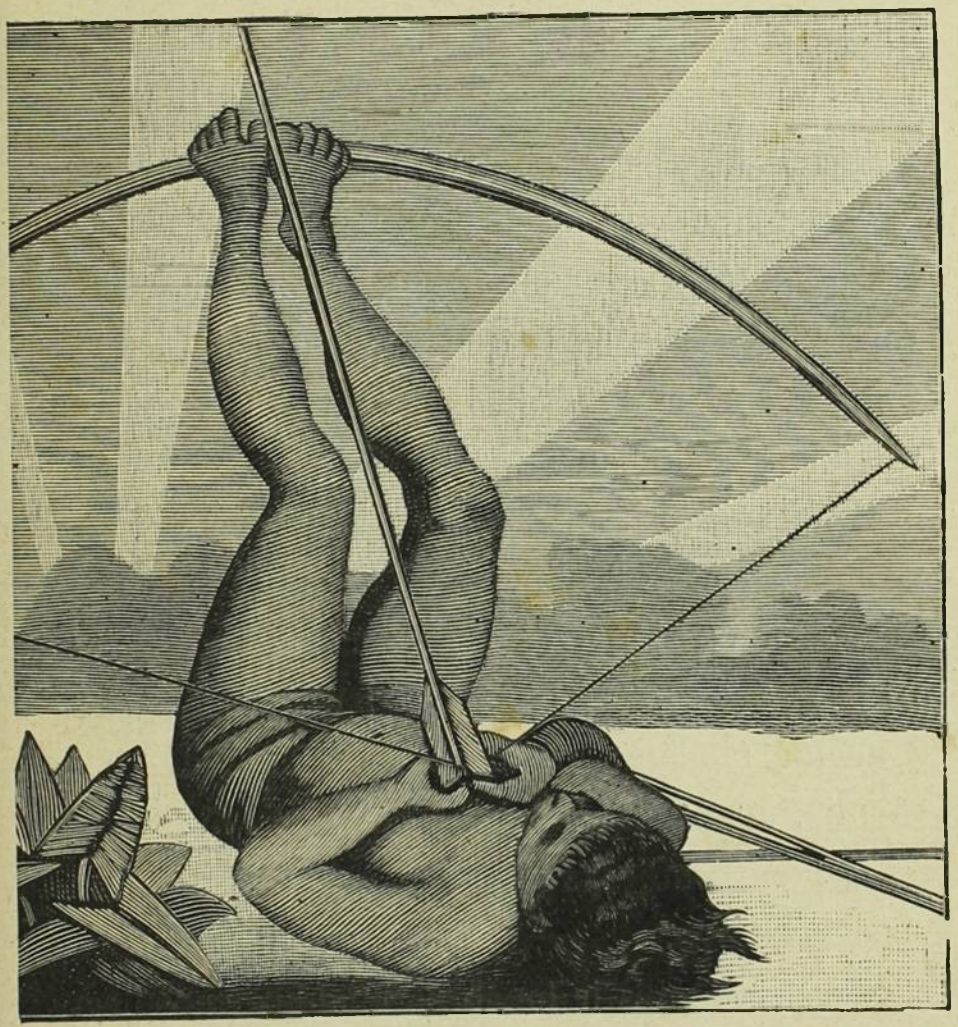
Os costumes, as vestimentas, a alimentação, a regularidade monotona da vida dos centros constituidos estabelecem tal desequilibrio com a existencia do homem no pleno dominio dos instinctos e da natureza, que, de prival-o, o unico resultado previsto é geralmente o que se observa — a extincção gradual das tribus e das raças.

Falla-se por ahi que nas provincias do norte a mestiçagem do caboclo avulta, o que não nos parece exacto, porquanto por mestiçagem comprehendemos o producto resultante da approximação de typos zoologicos, ainda que pouco afastados.

O que succede no Pará, Ceará, Amazonas, Piauhy, etc., é a união entre typos mais ou menos distantes, com referencia a localidades, porém do indio com o indio, o que é differente.

Onde o hybridismo d'este com o negro ou

com o branco? Raramente vemos o coriboca, e nada mais.



INDIA CAÇADORA.

Depois, crescendo elles tão numerosos em todo o Brazil *como as folhas das arvores*, no dizer de

um dos nossos chronistas, quem nos apresenta um terceiro ou quarto avô indigena, não sendo o proprio tapuio?

De duas, uma : ou não cruzam com as duas raças mães, ou o cruzamento produz hybridos infecundos.

Não apontemos factos isolados para justificar leis que nos escapam; como raça secundaria e variante da especie, o seu destino é devorar-se a si mesma, ou ceder terreno ás que a levem de vencida no combate dos antagonistas.

Do primeiro impulso — a acclimação aos novos meios, ao segundo, que é acclimatação — o indio se tolera aquella, não sobrevive a esta.

Incapazes de abandonar seus habitos selvagens, a menor mudança os abate, os entristece, e a anemia, a consumpção, os libertam pela morte, de quaesquer condições que não sejam as do seu viver primitivo.

Não precisamos ir longe para adduzirmos provas : os indios que vieram do Rio Doce para o Rio de Janeiro em 1882, em um mez apenas de ausencia de seus lares, começaram a sentir profundas alterações de saúde; ficaram pallidos e sub-

ictericos, depauperados; denotavam perturbações funccionaes de importantes orgãos, e se em pouco tempo não voltassem a seu paiz natal, o prognostico a formular seria tão reservado que deveria considerar-se fatal.

É a lei das transformações successivas nas suas actividades mysteriosas; é o enfeixamento das causas predisponentes e determinantes, tornando assimilações difficeis e alumiando destroços.

DEUSES FETICHES DO AMAZONAS

Diante da natureza selvatica da America tropical o homem primitivo devia e deve ser fetichista.

A grandeza do maravilhoso scenario, o sumptuoso e solemne de suas decorações que variam ao infinito, as cadeias accidentadas das montanhas em cujos picos avermelha-se o sol no occaso como uma pyra incendida para os sortilegios das feiticeiras; em que o pensamento, como a aguia do mar, vôa mais alto que as nuvens, os cometas, as estrellas, em busca da divindade — tudo concorre para a creação do deus-materia, despojado do Deos-espirito das concepções metaphysicas.

Nesse templo magestoso, em que a serpente enrolada nos troncos pendura o collo á arvore da vida, o indio nem receia um instante, e nem o medo gera-lhe superstições n'alma ; familiar com as manifestações bravias de forças occultas, não as interpreta, porém as domina no combate pela existencia.

Eis porque, sem nova theoria evolucionaria sujeita a nova verificação, não aceitamos a bagagem de superstições emprestadas aos nossos aborigenes, pois que superstição é accessorio de dogma, principio fundamental de religião, e esta suppõe mythos, theogonia e idéa da vida futura, estado mental a que não chegaram, limitados ao fetichismo, que nada mais é do que a mutilação do sêr supremo, palpitando nas fórmas de objectos grosseiros, inertes ou animados.

No baixo nivel do seu desenvolvimento intellectual, os indios não possuem culto patrio, divindades nacionaes.

Mais retardatarios que os negros da Polynesia que, como os egypcios, tributam ao rio que fertilisa as terras as offerendas de sua adoração; que os heliolatras do Perú e do Mexico, fetichistas

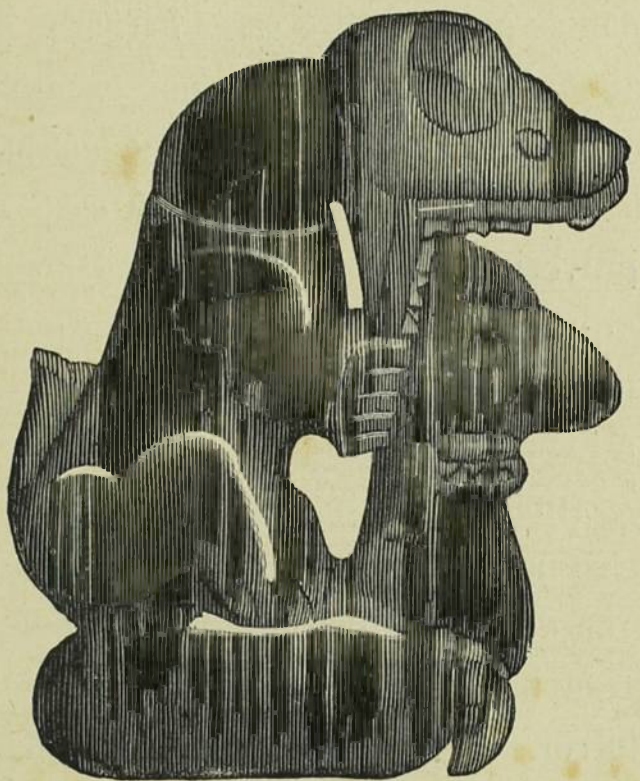
de ordem superior, não se encontra entre elles lendas e divindades constituidas.

Se podessem merecer a classificação de lendas a fama transmittida das acções guerreiras das tribus, as narrativas austeras de suas viagens e os contos naturaes de suas caçadas, a *marandiba* e a *porandiba*, que reflectem sem poesia esses acontecimentos, o seriam por certo; mas se o elemento da lenda é o mysticismo, o sorprendente, como reconhecermos naquellas tradições oraes composições proprias dos povos que deixaram a infancia, que consiste na vida dos movimentos automaticos, inconscientes quasi?

A noção da idéa de Deos é tão vaga, tão indefinida nas populações do valle do Amazonas, que os simulacros são tomados pela divindade, não conseguindo desatar-se a pensamentos religiosos mais elevados.

Crearam essas nações um genio fecundante a que deram o nome de — *Cy* — mãe, do qual foram gerados genios subalternos. As montanhas, as pedras, os lagos, os animaes, etc., têm uma guarda que os assiste e defende : aquelles se conservam, existem por sua influencia; estes se reprodu-

zem, crescem, vivem ou morrem por seu prestigio, por sua vontade. *Cy*, mãe da natureza, é a mãe de *Cy*, mãe da onça; de *Cy*, mãe da mon-



IDOLO AMAZONICO.

tanha, da selva, etc. Entidades protectoras, sempre juntam *Cy* antes de qualquer nome, quando querem determinar individualidade familiar.

Os indios reconhecem esses deuses, donde procede a luta dos genios. Assim, se o animal se des-

via da flecha do caçador, foi a *Cy* tutelar quem o salvou; se a enchente submergio uma floresta, este acontecimento marca uma victoria da *Cy* do rio, contra a *Cy* da floresta.

As plantas gozam entre esses barbaros de virtudes miraculosas : o *cumacá*, por exemplo, é o fetiche da liberdade. Imagine-se que algum delles cahe prisioneiro : acreditam neste caso que as raizes pulverisadas do fetiche sopradas sobre as cordas, que lingam o guerreiro transportado á tribu inimiga, afrouxam os laços, proporcionando-lhe a fuga e a liberdade.

O *tajá* (tinhorão) é o fetiche das pescarias; o caboclo vê nas suas largas folhas orvalhadas do relento os dentes de perolas de uma boca mysteriosa, que beija com o susurro das auras a face calma do rio... De pé, aninhando suas esperanças sob a divindade que traz collocada á prôa das *montarias*, o céo lhe é sempre azul, e as illusões lhe cantam no peito como a rôla selvagem nas mãos bronzeadas da indiana erradia.

A bem poucos phenomenos astronomicos os gentios do Amazonas emprestam significação.

D'entre elles temos certeza que unicamente os

eclipses os impressionam, attribuindo o espectaculo, que lhes parece sobrenatural, ao conflicto de dous genios na arena obscura do firmamento.

Então a tribu reune-se; as vozes dos instrumentos e os alaridos reboam por valles e montes, por serras e despenhadeiros. — É o meio de apartal-os, de concilial-os.

O culto fetichico das nações do alto norte exclue as apparições, as almas penadas ou d'outro mundo, não obstante remontar-se aos mais afastados tempos da humanidade primitiva.

A NOSTALGIA DOS INDIOS

A nostalgia é uma nevrose dos orgãos que presidem á imaginação e ao sentimento; é o extremo adeus ás terras encantadas da patria, o derradeiro olhar aos seus firmamentos sem nevoas.

Esta molestia, que começa pela melancolia, póde degenerar em phlegmasias intestinaes chronicas, tisica pulmonar, alienação mental, e terminar pela morte.

A nostalgia concentra suas forças n'uma só ordem de idéas, e não quer unicamente dizer *mal do paiz, desespero da separação, saudade da patria :* assim, ha a nostalgia do mar e do espaço (a dos marinheiros), de um lar que habitamos, de um bem que julgamos perdido, de uma patria que não é a nossa.

Uma harmonia, o perfume de uma flôr, um canto que ouvimos outr'ora, podem, n'um momento dado, despertar-nos o sentimento delicado

dessa paixão, e nos voltamos ao passado, onde evocamos illusões extinctas e nos encontramos com os fantasmas da infancia ou da mocidade.

Nota-se que esta affecção percorre os seus periodos classicos e é epidemica entre os povos sel-

vagens e fetichistas, subitamente arrancados dos seus paizes agrestes para novos centros, ás vezes, de tribu para tribu, com excepções raras.

Entre as nações do valle do Amazonas é ella peculiar nos Miranhas, que lhe não sobrevivem, o que contrasta com um certo gráo de energia dos Mundurucús á invasão do mal.

Como os arbustos das montanhas, que não afundam raizes na terra, porém que a mudança de solo os faria morrer, o homem, quanto mais inculto e bravo é o seu torrão natal, mais a elle prende o coração e a vida.

As manifestações, entretanto, variam. Entre os africanos no Brazil caracterisava-se pelo suicidio, pela loucura e por uma dermatose vulgarmente denominada de quisila. Elles, os pobres escravos, espancavam os seus soffrimentos com os vapores do *pango*, que os entontecia nas dansas convulsionarias, no delirio furioso.

Com os indios, differe : ou depois de algum tempo de expatriação fogem para suas florestas (Agassiz), ou a molestia reveste as fórmas depressiva e expansiva, com exaltações estaticas, bizarras.

O tapuio, que é o indio civilisado, recebeu inteira e igual a herança paterna, que a transmitte aos seus descendentes, sendo nós testemunha de um caso typico e devéras interessante.

Eramos medico da guarnição da fortaleza de Santa Cruz. A tarde era pomposa e transparente de melancolia; o sol, como um globo acceso sob um reverbero de nuvens, afogueava o mar, que gemia esfalfado, quebrando-se de encontro ás muralhas da fortificação. O toque dos clarins annunciou o exercicio de cornetas... de prompto nos dirigimos ao lugar de onde partiam os sons.

Um indio, de cêrca de vinte annos, ao signal do mestre, adiantou-se da fileira como um automato; olhando absorto o céo e erguendo como um cataleptico o braço, embocou o seu instrumento... Ás primeiras notas, aquella face tisnada orvalhou-se de pranto e o sopro expirava-lhe nos labios.

— Era a imagem de sua terra e de tudo que lhe foi caro, que passava nas horas do crepusculo amargurando-lhe o exilio; era o desfilar do prestito lustral de sua liberdade a que elle assistia através de suas lagrimas!

A nostalgia dos selvagens, bruscamente arrancados da vastidão e do aldeimento, é acompanhada de phenomenos menos alarmantes na apparencia, porém physiologicamente mais graves : perda de appetite, perturbações de secreções, desordens visceraes, allucinações, hepatites, tristeza misturada de melancolia sombria, edemas, calma seguida de aspecto taciturno; recusam o que se lhes offerece, incommodam-se sem causa, obstinam-se no silencio... Se alguem lhes falla na linguagem das suas selvas, respiram largamente, sentem-se felizes.

Barbosa Rodrigues relata o facto de uma Mundurucú, que tem em sua companhia, tirada das mattas, na qual observa o extasi nostalgico, e a quem uma palavra pronunciada em seu dialecto a transporta ás mais serenas regiões.

Na pluralidade das tribus do alto norte a nostalgia revela-se pela musica. É no *memby-chué*, gaita de choro, especie de quêna peruana, que os nossos indios entornam todas as tristezas de sua alma, torturados pela saudade.

A noite, quando as estrellas pranteam e a lua verte clarão piedoso sobre a natureza que dorme,

aqui e alli, debruçados nos rios, descendo o *memby* nas aguas, que o tornam mais plangente, vêm-se os selvagens carpirem nesses sons dolorosos todos os pezares que encontram na terra: tocam, tocam sempre, até a fadiga, até o amanhecer!

Como o coração é o primeiro que soffre e o ultimo que morre, a febre ou accelera-lhe os movimentos continuos e intermittentes, ou o asphyxia pouco a pouco debaixo de seus dedos hecticos.

O chronista Gabriel Soares, traçando o quadro da nostalgia entre os Tupinambás, descreve como artista as saudades da tribu, que não destoa do modo especial de sentir dos demais indigenas.

Temos como provado que os indios jámais resistem a esta insania, o que melhor comprehenderam os nossos antigos missionarios, que os utilisavam nos aldeiamentos, isto é, nas vizinhanças de suas tabas e florestas.

A este estado mental, cuja phosphorescencia se colora das paizagens grandiosas das solidões brazileiras, debalde procuraremos oppôr agente mais activo; — primogenitos da natureza, tamanhas são

as influencias physicas e moraes que os assaltam, submettidos á civilisação, que o corollario desta superexcitabilidade provocada é a nostalgia — o mais bello apanagio de uma fraqueza tão intima e tão generosa!

A MORTE DO PRISIONEIRO

Quando a sorte da guerra cedia ao vencedor a posse do vencido, este era conduzido, no meio de clamores, ás aldeias triumphantes; as prisões de cordas de algodão o retinham captivo e, atado pela cintura e pelo pescoço aos troncos primitivos, os seus passos eram tão limitados quanto os horizontes de seus dias.

Apartando as cortinas vegetaes de nossas florestas, descrevamos uma dessas scenas communs a todas as tribus e devéras apparatosa entre os Tupinambás — a morte do prisioneiro.

Depois do tempo indispensavel para engordarem a victima, de quem encantava as ultimas noites a mais bella das mulheres dos vencedores,

como uma sombra eterna de saudade e de tristeza pendurada á ultima cabana da vida, a vozeria das hordas longinquas borborinhava das mattas, os sons dos instrumentos selvagens ondulavam nos ares, e as bebidas fermentadas preparavam-se para o festim.

E as fogueiras que allumiavam a noite com as suas chammas brilhantes avermelhavam o corpo mosqueado das tatuagens de urucú, do guerreiro que ia morrer, e as plumas colladas á pelle de bronze agitavam-se ás aragens que não as agitariam mais!

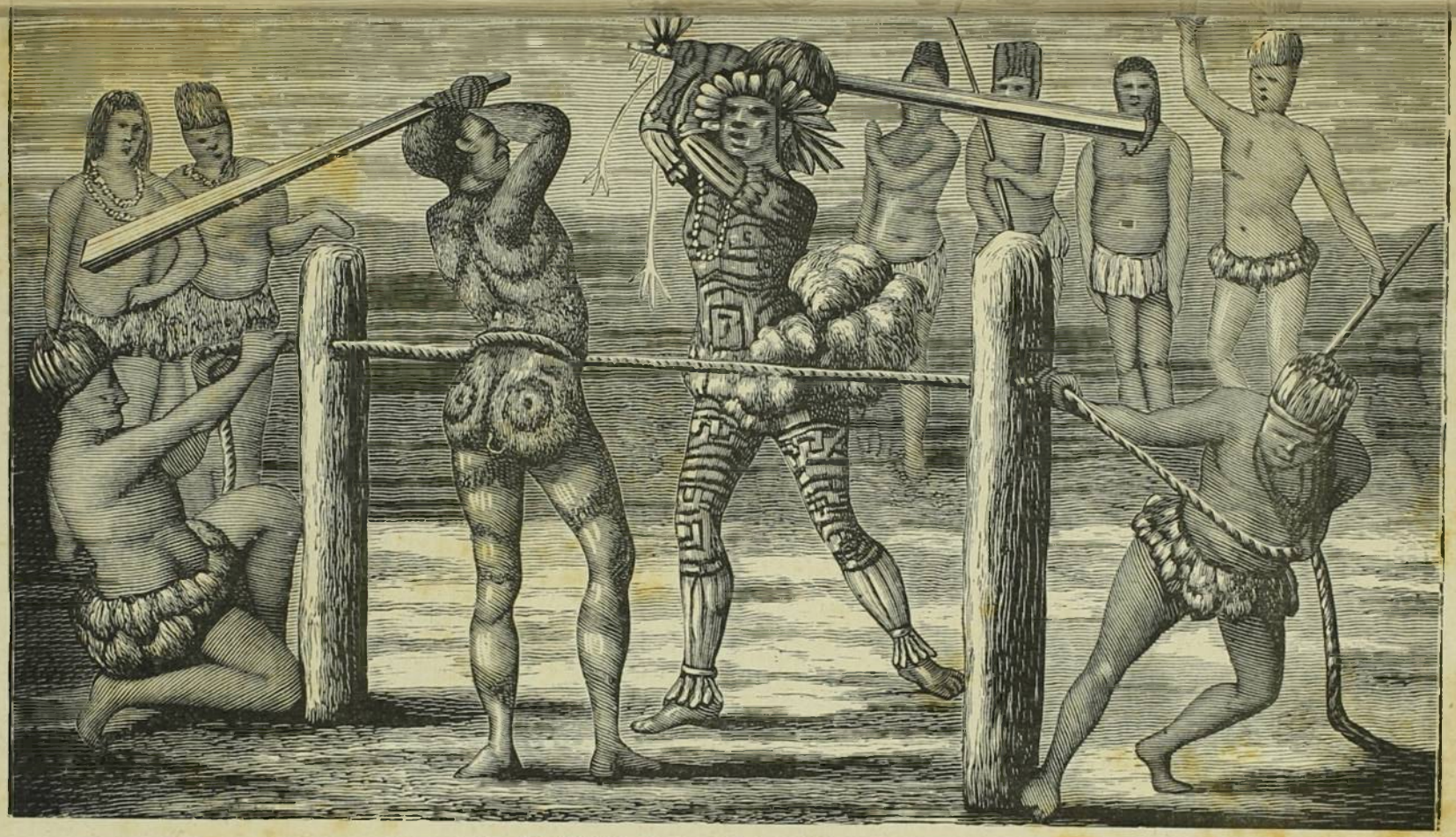
As velhas e as crianças, as moças e os varões, dansavam e cantavam trovas barbaras ás cadencias dos maracás, aos rufos dos tambores, ás modulações rudes dos membys...

No terreiro, dous mourões fincados bambeavam de cada extremidade o cabo que devia ligar ao centro o prisioneiro, e que, retendo-o, protegia de suas aggressões o matador audaz.

É ao amanhecer...

Os passaros cantam nas arvores e a morte o espia das furnas em sua passagem.

O prestito se avança...



A MORTE DO PRISIONEIRO.

O sopro dos seculos nos atira sobre a mesa uma pagina de Gabriel Soares. É um chronista e um observador.

Leiamos :

« Costumam os Tupinambás, primeiro que o matador saia ao terreiro, enfeital-o muito bem, pintando com lavores de genipapo todo o corpo, e poem-lhe na cabeça uma carapuça de pennas amarellas, e um diadema, manilhas nos braços e nas pernas, das mesmas pennas grandes ramaes de contas brancas sobraçadas, e seu rabo de pennas de ema nas ancas, e uma espada de páo em ambas as mãos, muito pesada, marchetada com continhas brancas de buzios, e pintada com cascas de ovos, de côres, assentado tudo em lavores ao seu modo sobre cêra, e que fica mui igualado e de bom feitio, e no cabo desta espada tem grandes pennachos de pennas de passaros feita sem mólhos, e dependurados na empunhadura, a que elles chamam embagadura ; e como o matador está prestes para receber esta honra, que entre o gentio é a maior que póde ser, ajuntam-se seus parentes e amigos, e vão-n'o buscar á sua casa

donde o vêm acompanhando com grandes cantares e tangeres dos seus buzios, e gaitas e tamboris, chamando-lhe bemaventurado, pois chegou a ganhar tamanha honra como é vingar a morte de seus antepassados, e de seus irmãos e parentes; e com este estrondo entra no terreiro da execução, onde está o que ha de padecer, que o está esperando com grande coragem, com uma espada de páo na mão, diante de quem chega o matador, e lhe diz que se defenda, porque vem para o matar, a quem responde o preso com mil roncarias; mas o solto remette a elle com a sua espada, de ambas as mãos, da qual, se se quer desviar o preso para alguma banda, os que têm cuidado das cordas puxam por ellas de feição que o fazem esperar a pancada, e acontece muitas vezes que o preso, primeiro que morra, chega com a espada ao matador, e o trata muito mal, sem embargo de o não deixarem as cordas chegar a elles. Por mais que o pobre trabalha não lhe aproveita, porque tudo é dilatar-lhe a vida mais dous credos, onde lh'a rende nas mãos do seu inimigo, que lhe faz a cabeça em pedaços com a sua espada; e, como se acaba esta execução, tiram-n'o das cordas, e

levam-n'o donde se costuma repartir esta carne, e acabado o matador de executar a sua ira no captivo toma logo entre si nome, o qual declara depois com as ceremonias, que ficam ditas atraz, e vai-se do terreiro recolher; tira as armas e petrechos com que se enfeitou, e a mesma honra ficam recebendo aquelles que primeiro pegaram nos captivos na guerra, do que tomam tambem novo nome, com as mesmas festas e ceremonias que já ficam ditas, o que se não faz com menos alvoroço que aos proprios matadores. »

Após, o esquartejamento, a mutilação do cadaver, o banquete de carne humana...

E no céo o sol, como um punhado de rubins accesos, levantava-se como um reverbero da fogueira canibal...

A embriaguez, os alaridos, o *moquem* fumegante, e os pedaços commemorativos, transportados pelos convivas de outras tribus, terminavam a acção desse drama ensanguentado, feroz e cruel.

A ANTHROPOPHAGIA

ENTRE AS TRIBUS INDIGENAS

Na camara ardente dos povos modernos, cujos perfis illumina a tocha da civilisação, o despojo da morte é a partilha da terra ou do anatomista, que o restitue depois ao sepulchro.

Nos nevoeiros da barbaria, porém, o cadaver é alimento do homem, a substancia predilecta de seus banquetes ferozes.

A anatomia e a physiologia, que estudam desde o esqueleto e os ligamentos até os orgãos mais complicados e suas funcções, determinam pelo complexo da organisação as tendencias do appetite.

Devido á disposição das vias digestivas e do systema dentario, o homem é um sêr para o qual não ha limite no genero de alimentação.

O estomago, a cavidade buccal guarnecida de maxillares implantados de incisivos, molares e caninos, explicam a indifferença que lhe é propria para com o objecto da nutrição, collocando-o no ponto culminante do grupo que o rodeia nas afinidades zoologicas.

Excepção feita do lobo, de alguns peixes e da aranha, os outros animaes não se alimentam de seus semelhantes e, quando alguns mais o fazem, assim como o rato, o gato, os insectos, etc., são a isso impellidos por furores morbidos, pela fome, e um pequeno numero de circumstancias que não vem aqui indagar.

No homem, pelo contrario, a anthropophagia é instinctiva, é especial; é o estado economico anterior á protecção individual, o periodo ovular das sociedades rudimentarias, de que se encontram largos lineamentos na embryogenia das mais remontadas civilisações.

Plinio, Strabão, Porphyrio e Cuvier demonstram que o canibalismo existia entre os mais

esclarecidos povos da antiguidade. Os scythas, os judeus e os romanos entregaram-se por vezes á anthropophagia.

Os Saxonios foram anthropophagos quando terminou a guerra dos Trinta Annos; em França, em 1030, sahia-se á caça de homens, mulheres e crianças, para serem devorados; os parisienses, em 1590, deram exemplos de canibalismo infrene.

Se compulsarmos as *Capitulares* de Carlos Magno, encontraremos punições impostas aos comedores de gente.

Não mencionando casos de fome, de naufragio, e penas judiciarias, a anthropophagia por habito, por delicadeza de paladar, foi o degráo calcado por todas as nações modernas ás eminencias fraternaes a que têm attingido.

Elevada á instituição politica e religiosa entre diversos povos, vulgar ainda hoje na Polynesia, (Nova-Zelandia), em Sumatra, onde, segundo o ritual, são comidos os mortos entre tribus da Africa central, particularmente os Jagas e Aschantis, que mantêm açougues, onde vendem a retalho carne humana, os selvagens do Brazil não

podem esquivar-se a este habito tão natural á especie, a essa phase de evolução social.

Os Jumas, Parintintins, Maiurunas, Miranhas, e Pariquis, são gentios do valle do Amazonas, dos mais celebres como anthropophagos ; mas entre elles só a vingança e o amor supremo arrastam ao canibalismo.

Não causando horror ao homem a carne do proprio homem, elles tocam, antes de mordêl-a, aos extremos; porém o assassinato não é justificado pela gula, pela necessidade á satisfação do gosto.

Quando a flecha da guerra, disparada de uma tribu, acorda os guerreiros da taba inimiga, e o grito de alarma os encontra empenhados na luta, os mortos e os prisioneiros pertencem ao vencedor. Daquelles o craneo é transformado em trompa de peleja; os ossos longos, em *membys* barbaros; as cabeças mumificadas, em trophéos; os dentes, em fachas e collares. Os prisioneiros são conduzidos á aldeia, onde lhes proporcionam uma companheira (Fernão Cardim), os engordam, até que chegue o dia da grande festa em que são immolados.

Nessa occasião a espuma do odio do selvagem

poreja das carnes fumegantes da victima esquartejada sobre a fogueira. Elles a dilaceram e consomem com a sua tribu, no meio dos alaridos e da embriaguez, de cantos alegres e de dansas ruidosas.

Os nossos indios jamais devoram os da mesma tribu, senão com o fim de dar-lhes dentro de si um tumulo condigno de seus affectos. Se algum dos seus parentes ou amigos mais caros padece, pela velhice ou molestia, soffrimentos dolorosos e torturantes, elles o matam, moqueam e comem respeitosamente.

São factos estes que militam em seu favor, porque se não votam repugnancia ao canibalismo, repugnancia inspirada a outros povos pelo temor do contagio das doenças do morto, não tomam de assalto populações incautas, não acommettem individuos com o intento de transformal-os em refeição costumada e excellente.

Como o sol em seu giro, a civilisação percorre uma estrada de luz que termina onde começam as trévas. Pois bem! — piratas da morte, acocorados junto ás fogueiras, os anthropophagos, em varios paizes, cercam o cadaver; levantando

a boca do *fero pasto*, mostram ás chammas rubras os labios ensanguentados e os dentes embutidos de fragmentos de carne humana...

E quando terminará o festim? Que poder executivo revogará definitivamente leis de atavismo e impulsões naturaes?

A anthropologia que investigue, e a sociologia que responda.

SEPULTURAS, URNAS E CEREMONIAS

LUSTRAES

A morte, para a generalidade dos povos barbaros, é a continuação da vida.

Debaixo da arcada funebre que atravessam os viajores, ha uma sombra que se estende, a tréva que cahe...

Á porta desse paiz desconhecido — o tumulo — as tribus depositam as flechas dos combates, os utensilios da paz, as munições da jornada...

Para ellas o sol da eternidade não se levanta com seus fogos pallidos por traz das avenidas longinquas, e nem a alma se espaneja nas glorias increadas. Na aridez de suas crenças fetichicas, sen-

tindo as exhalações mephiticas do cadaver, espantadas á noite pelas phosphorecencias dos elementos chimicos do organismo que se decompõe depois da cessação definitiva da nutrição, fizeram sahir da morte a vida pelas creações bizarras de entidades posthumas e, com os olhos fitos no sepulchro que esconde o companheiro do lar, accendem a imaginação que o vê tal qual era antes da desapparição da vespera.

Muitos dos insulares da Polynesia e Melanesia, muitas das tribus africanas e da America, não comprehendendo a morte, não podendo compenetrar-se da communhão em que entra o corpo com a natureza depois que a circulação pára e a rigidez começa, defendem o pensamento acima, baseado nas pompas e ritos celebrados por tantos homens na ante-camara da barbaria, quando uma existencia se submerge no nada, quando o frio da morte entorpece o selvagem que se refugia nos solares do ultimo somno.

E é o mesmo por toda a parte o homem, dependendo as nuanças das gradações da civilisação.

Lendas, tradições, costumes, usos, crenças re-

ligiosas e politicas, revelam taes afinidades entre povos os mais afastados, que as differenças, não sendo puramente locaes, conduzem o observador ao grande ponto de reparo, isto é, que a humanidade, sahindo da natureza, sobe ao mesmo tempo a montanha da civilisação; mas, no caminho ascendente, se uns a exploram em demanda da essencia da luz, outros lá ficam nas cavernas humidas, ou nas florestas bravias e farfalhantes.

Parece-nos esta a unica theoria aceitavel para a explicação das analogias.

No compendiar de ritos e festas funebres, vemos antes de tudo a anthropophagia, seguindo-se após a cremação, a exposição dos cadaveres sobre as arvores em que são devorados pelas aves e outros animaes, a mumificação, o enterro. Entre algumas nações selvagens as mutilações são frequentes, as deformações da pelle, em signal de tristeza, de pezar. Depois vieram os prantos e lamentações em altas vozes, os sacrificios parciaes, dos escravos, das viuvas, de pessoa da familia; mais tarde a hecatombe dos prisioneiros de guerra, de parte de uma população, nos funeraes dos reis e de personagens illustres.

FESTA DOS MORTOS.

Comparados os enterramentos, é razoavel até certo ponto medir-se por elles o desenvolvimento mental de nacionalidades diversas.

A primeira fórma de tumulo exprimindo uma idéa, devia ser a dos vasos de terra, ou igaçabas, em que varias populações de multiplos continentes, e mesmo os nossos indigenas, posteriormente ao processo da mumificação, enterravam os seus mortos.

Ao vêr-se esses toscos sepulchros entreabertos, dous pensamentos acodem de prompto : ou de alguem acocorado em frente a uma fogueira, ou de um feto no utero materno.

A uniformidade da posição, os instrumentos que se acham dispostos ao redor da mumia, a igual configuração dessas rudes urnas agrupam-se tão sem esforço, que a idéa extravasa-se pela opulencia no molde em que se funde.

E esta idéa é a da contingencia e da vida, unica admissivel pelas tribus selvagens da Africa e da Oceania, dos Estados-Unidos e do Brazil.

E porque, notavelmente entre os povos americanos, as igaçabas foram descobertas nas anfractuosidades das montanhas, á beira rio, e em cada

uma dellas provisões de viveres e armas de guerra?

— Pelo incomprehensivel da alma e da immortalidade, productos de regimens progressivos da mentalidade humana, diante da materia que recorda a materia, do amor que recorda o amor, e do tumulo que não recorda cousa alguma.

A individualidade palpavel ao circulo a quem foi cara não póde morrer para elles; o hospede que abandonou a sua cabana e os climas de sua terra se erguerá um dia? Erguendo-se, terá sêde? — Ahi tem o rio. Terá fome? — A caça ficou-lhe aos pés. Na quietação do somno, o inimigo o acommetterá? — Eis a flecha ervada, o arco dos combates e a trompa que, embocada pelo redivivo, chamará os guerreiros á luta...

É a glorificação da materia em todo seu esplendor, é ter no presente o futuro e o passado!

Os Mundurucús, os Mauhés e os Muras não depositam seus mortos nesses jazigos, mas os enterram no chão, debaixo da rêde da casa, deshabitada no caso de fallecimento.

As demais tribus, não; possuem igaçabas e urnas funerarias, cuja fórma rara é a do jaboti.

Depois da cremação dos cadaveres, das inhumações e exhumações, as cinzas ou os restos são ahi depostos e conduzidos aos *aterros sepulchraes*, segundo a feliz denominação de Barbosa Rodrigues, sendo as mais curiosas as do rio Maracá, no Pará, e as de Marajó.

Os modelos variam : começam pelos potes sem arte e chegam ás estatuetas ôcas, exquisitas, bizarras, facilmente confundiveis com os fetiches ou idolos de civilisações infantis.

Ás inhumações, á cineração, aos enterros, antecede ou precede, entre os nossos indios, a dôr funeraria, manifestada pelo arrancamento dos cabellos, pelos alaridos, a sangria, a tatuagem e as festas, medindo-se a intensidade das expansões dolorosas pela posição que occupava o defunto na sua aldeia ou maloca.

E aos clarões dos archotes de resina, aos tropeis das dansas convulsionarias, ao som dos cantos barbaros e ás ceremonias lustraes, a morte suspende as azas silenciosas e pesadas do meio das florestas e dos povos selvagens, nivelando-lhes os costumes funebres nas analogias do pensamento e nos ritos identicos !..

As aves fogem espavoridas ás algazarras festivas, e as mumias nos seus nichos de terra olham os alimentos e não têm fome, o rio e não têm sêde, a eternidade e não se levantam...

É a apotheose da natureza!

A FAMILIA INDIANA

A promiscuidade familiar nas raças de baixo nivel assemelha-se ao redemoinho que fazem os rios: os circulos que se abrem á superficie revelam a profundez da qual estalaram, desdobrando os élos excentricos que o rodeam afastando-se.

É a imagem do desenvolvimento da familia; é a filiação paterna espanejando-se do mysterio da filiação uterina.

Não é que descubramos a filiação feminina na aurora da constituição social, não; porque antes da familia a selvagem dá ao filho o nome das arvores, dos peixes, dos animaes e dos utensilios; logo depois o seu proprio nome ou o da sua tribu, seguindo-se a este progresso o nome do pae, como

expende Zurita nas suas pesquizas sobre a civilisação do Mexico.

Caminhando quasi nas trévas, debalde pediremos aos nossos indianologos e chronistas os nomes de parentesco, na multidão dos vocabularios das nações primitivas. Uns e outros decomporão palavras e recorrerão a invenções inuteis para justificarem o que o bom senso repelle.

Entretanto que, através dos seculos e das florestas, a sociologia observa o selvagem deitado nas redes das *ócas*, quando a mulher desembaraça-se do trabalho do parto, ao passo que ella, banhando o filho que descerra os olhos, nas aguas dos rios e lagôas, recomeça nas fadigas diurnas e da amamentação. E o que quer isto dizer?

— O noviciado da familia civilisada; a luta ou antes a imitação no proposito de gerar o amor paterno.

Os Tupinambás, os Aruaquis, os Guaycurús, Muras, etc., apenas nascem os filhos, cortam-lhes com os dentes ou pedras o umbigo, e alongam-se nas rêdes, onde recebem, até a quéda do cordão, visitas e presentes.

O resguardo do parto elles o guardam, acerca-

dos de superstições; indo o periodo do aleitamento além da segunda infancia.

A FAMILIA.

Fernão Cardim, e com elle Gabriel Soares e Rodrigues Ferreira, adiantam que os paes os abandonam, mas as mães nunca.

Junte-se ao sentimento espontaneo de um coração tres vezes santo de mãe sete annos e mais de inquietações e de jubilos ineffaveis, de azedumes, de desanimos e de esperanças, e tereis a familia nativa, desligada de combinações sociaes.

Não obstante o costume do resguardo do parto, admittido entre os selvagens ao nascer dos filhos, costume que se desprehende naturalmente de uma especie de ciume da ventura e da propriedade materna, o fluxo periodico de suas mulheres e filhas os enjoam, a ponto de obrigal-as á ociosidade durante esta funcção physiologica, motivada segundo suas idéas por influencias malignas.

É de suppôr, apezar de tudo, que a simulação do indio durante o estado puerperal da mulher, simulação que parece um recurso para justificar e assegurar mesmo direitos paternos, não seja o rudimentar esboço do estado social, porém uma fusão em segundo molde.

Infere-se isto do seguinte : que o indio dos velhos chronistas, recebendo, ainda que frouxos, os clarões vivos da civilisação, o seu aspecto moral se colora diversamente, e a expressão de suas emoções participa inconsciente de alheios influxos.

O echo remoto da filiação masculina não será a causa desse movimento inicial da familia nos estados selvagens? Não presumirá elle gráo evolutivo, cujo precursor é a filiação materna?

Tendo em vista que as tribus americanas foram e são ainda nomadas e bellicosas; que o homem calcula o numero de suas mulheres pela robustez de seu braço e destreza de seu arco; que os deveres de hospitalidade seguidos religiosamente permittem offerecer a mais bella ao prisioneiro de guerra destinado á morte e ao hospede, o systema de familia constituida desapparece, perdurando apenas uniões ao acaso, cohabitações indistinctas e estrictamente necessarias a satisfações ephemeras e a conservação da especie.

Olhae, porém, a floresta... É profunda e escura. Aqui e ali, trepado nas arvores ou em suas cabanas, o caboclo rosna. Outros, de cocoras, abraçando os joelhos e em frente ás fogueiras, fitam-se pasmados e silenciosos. A indiana cuidadosa estende a mão ao punho das rêdes perfumadas e aquece com os cabellos a criança que sonha...

Lá fóra rumores importunos, genios e montanhas fatidicas; junto á rêde olhares esplendidos

de insomnia, dous pomos cheios de leite e um amor que não finda.

— É o dominio da filiação uterina sobre a paterna!

A fonte do leite é a fonte da vida!...

INDIOS PARECIS

Á semelhança da ossada fossil do Centimano do mytho grego, a cordilheira dos Parecis alonga suas ramificações por diversos pontos de Matto Grosso, abrigando em seu interior as Sete-Lagôas, que se desenrolam alvacentas como as dobras do lençol de morte cahidas do esquife excelso do Titan.

Os seus campos de duzentas leguas determinam limites entre Matto-Grosso e Goyaz.

Ahi, na cumiada dos Sete-Morros e nas planicies sem fim, dominava a nação dos Parecis, quando os irmãos Barros, de Sorocaba, as exploraram em 1733.

A tribu dos Parecis, numerosa e forte outr'ora,

é hoje dizimada e enfraquecida pelas circumstancias antagonicas, que lhe entravam o desenvolvimento, a conservação e o progresso.

INDIO PARECI.

Estes indios vivem da caça e da pesca.

Habeis no entesar do arco, a morte empresta-lhes a aza que vôa na flecha que arremeçam; e o *cipó bravo*, trazido por elles das mattas e que enve-

nena o peixe, offerece-lhes o tributo dos rios e dos lagos á alimentação da vida.

Doceis, dotados de sentimentos paternaes, não vendem ou trocam como os demais selvicolas os filhos, o que é admiravel e bello.

Quaes fantasmas de derrocados imperios, revendo ao luar o esplendor das tradições extinctas, elles buscam a quietação e não a luta, a paz e não a guerra.

E não encerrará esta aspiração tão simples todas as angustias de sua grande alma?

Silencio!...

Diante do tumulo a fechar-se de seus derradeiros filhos, a America selvagem pede paz.

— É uma supplica n'um epitaphio!

INDIO YAHUÁ

Habitante das florestas que marginam o rio do Yahuás, do qual deriva-lhe o nome, a valente tribu dos selvagens do affluente do Putumayo, tributario do Amazonas, entregava-se outr'ora á pesca e á caça.

Mansos de caracter e inclinados ás dansas, a vida para estes indios corria como um trabalho facil, ou antes um sorriso de felicidade.

Adoptando regimen religioso de certo adiantamento, a heliolatria constituia-lhes base de crença, o que os filiava pela elevação do espirito aos primitivos povos do Perú e do Mexico.

A gravura que damos representa um selvagem Yahuá nos seus pomposos costumes de festa.

INDIO YAHUA.

Eram ellas, como as das demais tribus, ruidosas pelas dansas originaes, pelas ceremonias a que presidiam os feiticeiros e feiticeiras das aldeias, e duravam tantos dias quantos eram necessarios para acabar os vinhos que fermentavam em vasos de terra, e a caça anteriormente disposta e preparada para os banquetes.

No meio das suas superstições primitivas, só epois que o *pagé* lançava sobre os convivas a fumaça do *petum* de esguios cachimbos, entravam nos seus trabalhos ordinarios, isto é, em prover as suas malocas do necessario para a vida.

Os Yahuás não eram temidos nem odiados pelos de suas terras; como população ribeirinha, faziam excepção de muitos outros, e entretanto, arrastados á luta, não temiam diante dos contrarios, embora em maior numero.

Sobre os Yahuás pouco se ha escripto, sendo estes os principaes lineamentos de sua figura selvagem.

II

MYTHOS AMAZONICOS

MYTHOS AMAZONICOS

I

A TAPERA DA LUA

A FORMAÇÃO DA LUA

Semelhante a um barbaro bando de negros crocodilos, quêdados nas aguas das lagôas, os pincaros abrutos da serra cortam o espaço, no silencio da noite.

De suas mattas parte o grito estridulo das yerêrês pernaltas e o cangussú desce a beber á margem da corrente.

Grande e isolada, contempla o equador, como se meditasse — o monstro! — lembrando-se, nostalgica, do extincto tempo das amazonas guerreiras.

Ah! nesse tempo... tão longe vae! ella chamava-se *Taperé*. Hoje chamam-n'a d'Acunan.

A lua solitaria e tremula, vem sempre vel-a. Os raios d'aurora e as sombras do occaso a encontram, no extremo dos horizontes, a contemplar a serra.

Um dia, após sangrento combate, dois entes ficaram, a sós, sobre o monte. Eram — irmão e irmã.

E boa e terna, a india disse ao irmão :

— « O meu querido! Tu ficas na Tapera. És homem, valente e forte. Já tua rêde amarrei ao tronco dos castanheiros. Perto encontrarás teu arco e as mais lindas flechas. Dos velhos ramos, das arvores annosas, virá o perfume das parasitas acariciar teu somno...

— « Eu me vou. Desço á palhoça de nosso lar, á margem da lagôa... Adeus! »

E o irmão a scismar : — « Adeus! Té quando?

— « Té quando terminar a noite e a aurora annunciar o dia. Que te despertem, cantando á luz, os mais bellos passaros. Meu irmão, adeus! »

A cabocla desce lentamente a encosta. Leva no rosto uma pallidez de saudades... Mas, é mais bella assim — os negros cabellos sobre o dorso nú, vagoroso o passo,o olhar perdido e triste...

Já o sol rolava nas purpuras do poente, quando seu lindo corpo de bronze pálpito pousou, sem peso, sobre a rêde flaccida.

E veio a noite...

Nas tócas a cabeça chata dos reptís rastejantes procura a tenue claridade esvaída. Roça um frémito pelas folhas. A selva palpita — são matreiros animaes que pisam cautelosos... Na treva trinam insectos e as rãs, nos charcos, coacham em côro.

Então, em meio da natureza, sósinha, ella sentiu o doce torpor do primeiro entendimento...

Comprehendeu as mysteriosas palavras que o vento susurra á floresta; o extasis da estrella á fictar a cascata...

E seu corpo tremeu.

— « Ó meu tormento! eu te quero contentar. Irei á Tapera. Á noite serei sua esposa e pela manhã — sua irmã. Vamos, coração. Tupan! Tupan!

Branda aragem, suavissima, balançava os ramos do sassafraz; o céo era sombrio e já nas capoeiras cotias lestas corriam aos saltos, quando ella approximou-se da rêde do irmão.

Tremem-lhe os membros e caminha sempre. É preciso um esforço para vencer os máos pressentimentos que a mente lhe atordoam. E vae... e vae...

De leve as mãos encontram a trançada embira do aéreo leito.

E a rede estremece...

— Quem és?...

Um beijo canta... e as vozes se confundem, a desfallecer, trementes...

Todas as noites — pomba selvagem das florestas — ella vem procurar seu ninho, e as madrugadas apanham-n'a tranquilla á margem da lagôa.

« Quem será — pensa o indio — quem será esta que vem partilhar da minha solidão?... Quem é que me embriaga de caricias tantas?

Genio das montanhas azues de outros mundos, como poderei adorar tua belleza á belleza da grande luz?...

— « Nestas paragens o urucú viceja e o orvalho dá alento ao verde genipapo. Eu pedirei ás suas tintas o signal com que te hei de marcar nas faces para te reconhecer um dia, estranha apparição!

Pela terceira vez a india vacilla entre o pudor e o crime.

A loucura do amor seus passos guia.

Ha tanta volupia na terra! Ha tantas estrellas no céo!...

Que farei, Tupan?

E abysma-se no tormento de pensar, e sonda a escuridão da noite que envolve sua alma.

A agua quieta da lagôa se arrepia á viração que corre, perfumada dos lyrios sertanejos.

Pallidas, palpebreando, as estrellas fazem tremer nas aguas as joias de suas pupillas.

Ergue-se a morena moça, o olhar afflicto estende em derredor, perscruta a penumbra, e segue...

Seu amante a espera.

— « Porque vieste tão tarde? Porque, jurity das mattas, não déste força ás azas; corça dos sertões, não correste mais veloz? Os genios bondadosos têm ciumes de ti, têm ciumes de teus beijos. Chega-te a mim... Mais... mais... Como eu te amo! »

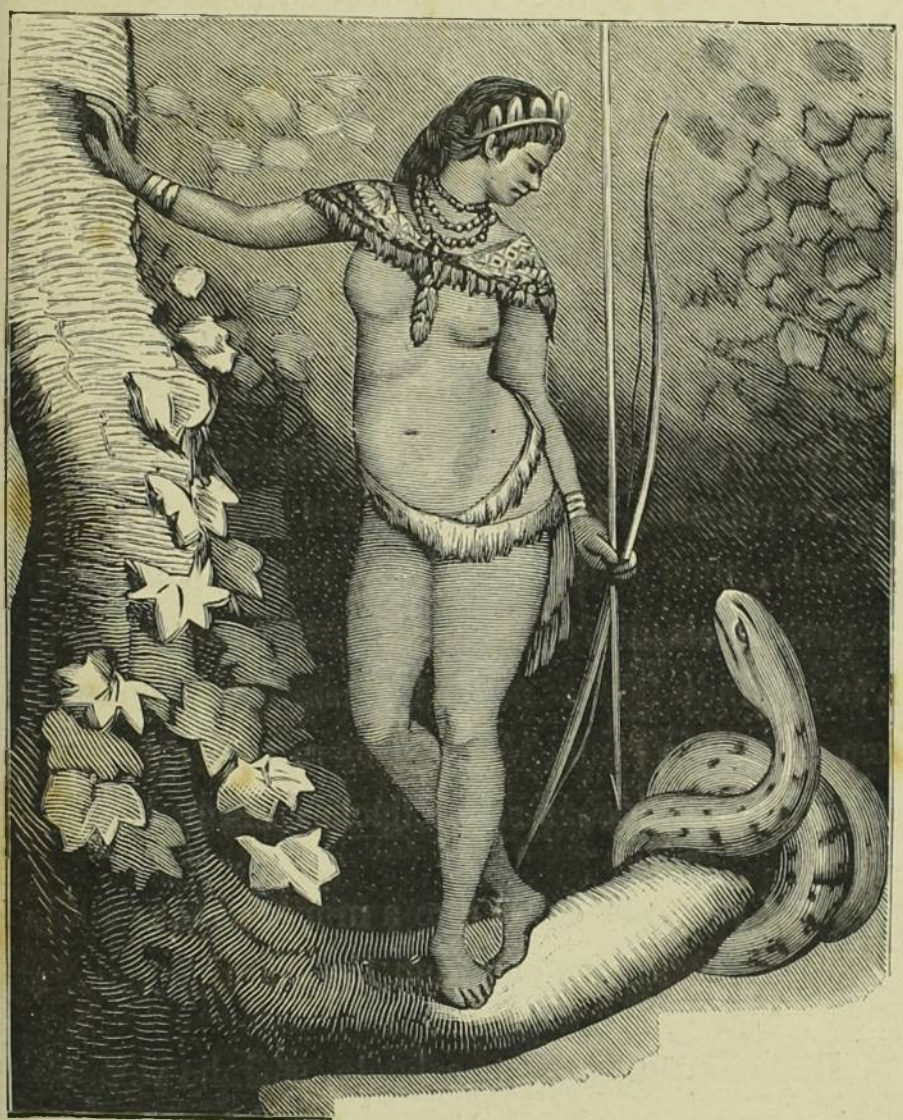
E elle fal-a sentar-se em seus joelhos, colla seus labios á sua pequenina boca escarlate e quente, acariciando-a; e, sem que ella o presentisse, por suas faces passa o succo do urucú.

Mas... Eil-a que sente a friagem viscosa da tintura, leva as mãos ás faces ambas, e surpresa fica de tel-as humidas!

Apprehensiva parte, e parte breve como nunca o fizera.

Nos cimos d'Acunan a aurora começava a estender suas franjas de carmim e ouro...as

brancas trombetas e os brancos lyrios do valle



A TAPERA DA LUA.

entornavam de seus calices as perolas irisadas dos serenos.

Vinha sorrindo o sol.

Ella corre a um velho tronco pendido sobre as aguas, debruça-se em seus galhos e vê, no espelho luminoso da corrente tranquilla, as manchas de seu rosto.

Prestes toma do arco, o fórte arco das settas de combate, reteza a embira, apruma a flécha e desprende a mão.

Sybilla, zune pelo espaço um invizivel dardo; e, de repente, lá em cima, no azul, tremúla, fisgada, uma flécha esguia. E logo outra parte, e parte mais outra, e mais, e mais e outra mais; vão partindo fléchas sobre fléchas, prendendo-se em comprido ramo, 'té que á terra tóca esta liana fantastica de fléchas sobre fléchas em cadeia.

E foi por esta corda que a morena moça subio aos céos onde tornou-se em lua clara.

Desde então, a afflicta cabocla, sósinha vagando pelos espaços, vem todas as noites mirar-se na quéda das fontes, nas vagas do mar, na corrente dos rios, nas aguas dos lagos a *ver se ainda conserva as manchas do seu rosto.*

II

O PALACIO DA MAE D'AGUA

LENDA DO PARÁ

Quem passa pelas margens do Portel, remador de igára que singra ao largo, canoeiro de piróga que costêa a terra, quem passa por lá, em calladas horas nocturnas, vê sobre o dorso da collina um prodigio que maravilha.

E o remador, cheio de pasmo, curva um joelho e benze-se.

Em torno d'ella — o mysterio!

Em vão indaga-se-lhe a causa; em vão procura-se-lhe a origem.

Á noitinha, apenas o crepusculo desce, brilha

uma lingua sulphurea sobre a face mansa do rio.

A cachoeira, assombrada, diante de tanto brilho, espumeja, brame e ronca e uiva e corre, saltando de pedra em pedra, levada pelo terror, galgando despenhadeiros.

Nas ribas — grasnam os patos-bravos, destendem azas, sacodem das pennas tépidas — diamantes, topasios, esmeraldas — gottas de agua dispersas ao clarão desse incendio!

Aves piam nos ares.

Atita nas ramas o timido passaredo; e as rapinas, accordadas, guincham, alongando o vôo para o infinito silencioso.

O rio que se aclara mais, de longe visto, parece um fantasma tétrico, errando pelo pavor.

A bruma se levanta, a propria bruma brilha!

Ao fundo um clarão. — É como se o sol nascesse do dorso d'aquella collina.

Quem alenta esse clarão?

Ninguem o sabe. Ninguem!...

Elle a selva espanca, domina os ares, eternamente volta e á noite brilha.

Diz o povo : « que no alto da ribanceira s'ergue o palacio da Mãe d'Agua : »

E quando o rio chamoneja — é que ella abre as janellas de seu palacio aclarado.

III

LENDA DO ALGODÃO

FORMAÇÃO DA HUMANIDADE

Era deserta a selva.

Ainda a rêde da indiana, trançada á noite, á luz do fogaréo no terreiro, não fôra amarrada ao tronco dos coqueiros; tecto de cabana ou choça não emergiam d'entre as frondes verdes, nem familias cuidavam da lareira, nem o ferro do forasteiro torava o cipoal bravío.

Nascia a aurora — apenas sua luz de ouro rolava pela solidão das cousas, esmeraldinando as encostas, o valle, as ribas...

Azas de gaivotas brancas batiam sobre a espuma dos mares, sobre o múrmura corrente dos rios.

Mas... nem siquer, acompanhando as azas alvadias, a brancura de uma vela de igára cortava o espaço!

O primeiro dos homens, Socaibú, appareceu com seus filhos.

E fez a choça, capinou a terra, semeou o algodoeiro.

E, em breve, da terra fertil surgiu o rebento, cresceu o arbusto e vieram as flôres e turgiram os fructos.

A roça de Sacaibú transformou-se em horto — as flôres de ouro e os fructos de prata — encheram a carapinha verde dos arbustos novos.

Mas... o imperfeito coração do velho repudiava um dos filhos seus, o gigante Prairú.

Humilde que elle era, obediente e grave.

Uma tarde sahiu o velho... Era sereno o firmamento.

Com vetusto tronco e grosso pedregulho as mãos paternas preparavam um mundéo.

E, sonso, fallou ao filho : « Prairú, não vês na picada, por entre a rama, a escamosa giboia contorcer-se ácima d'astuta armadilha?...

— « Vamos buscal-a. Tu irás na frente e pucharás o laço... Ah! si eu pudesse!

Mas, não... Velho estou e o velho braço fatiga-se depressa. »

Assim foi. O gigante ouve o traçoeiro convite, obedece e parte.

De rastros, ventre nú ao chão, serpenteia cauteloso, a mão em riste...

Tóca o laço e eis que vai puxal-o.

De repente, salta do mundéo uma figura estranha. É Rairú.

E propõe ao velho : — Se queres povoar valle e serras, Sacaibú, se queres... lá nas profundezas ha homens e mulheres para o afan da terra...

— « Desce commigo e prestes volverás.

Não escutas o vozear de um povo lá-baixo? Ouves? Vem, velho Sacaibú. Desce commigo. Prende á borda do abysmo a corda que teceste... Breve volveremos. »

. . . . . .

De volta, Sacaibú trazia após estranha multidão de gente.

Tão grande era a horda que fôra capaz de encher o mundo!

Tribus de outras paragens, de outros climas, de outras raças.

Mulheres anãs, sem fórmas que encantassem; disformes, cabeçudos homens, gagos e selvagens; horripilantes seres, corpos franzinos e escuros, simios bipedes, primitiva gente...

Vinham subindo, vinham galgando, promiscuos e assustados.

E mais e mais vêm.

A profundeza cóspe-os aos milhares. A proporção que sobem, melhor gente vem apontando; alguns já são de pórte menos feio.

E vêm subindo e vêm galgando sempre.

O enxame cresce, cobre o sertão, espalha-se pelas mattos, desce a encosta, formiga nas ribanceiras.

Por fim, á causa da multidão enorme, apparecem mancebos fortes, musculos que lembram os tendões elasticos do jaguar esperto; olhos que fictam como as aguias claras... e moças airosas, em cujos peitos o cabaceiro bojou dois fructos, em cujas espaduas — rolam ondas de sedosos fios, mais negros que o pello da onça negra...

Mas... nisto — a corda estala, encurta, reteza e arrebenta.

Desmorona-se a bella multidão para o abysmo; só restam os que primeiro subiram... só esses!

É por isso que na terra ha tanta gente feia, quando a bonita é rara.

IV

A LENDA DA ABOBORA

FORMAÇÃO DO MAR

Da tarde as sombras — fulos piratas — assaltam as asperas florestas.

E em arco empola o dorso, a estirar-se, n'um pincho de preguiça o lesto jaguar.

Scintillam estrellas...

Ululam ventos.

E os tapuyos ouvindo-os ulular, enclinam ouvidos, pois que nessas rajadas elles escutam o segredar dos que morreram, dos finados parentes seus.

Na moloca ardem brazidos canibaes; em róda,

soturnos, os caboclos vão revirando o espêto onde se tosta a carne do *morto*.

A braza estala, a carne córa e é para elles um capricho saber assal-a bem sobre a fisga que repousa em forquilhos parelheiros.

Chia o funebre manjar. Crepitam os tóros, mutilações de monstros das mattas, troncos velhos, immensos ramos.

Acesa labareda ophidica palpita.

Ringe e grita o lenho. Fagulhas saltam, reviravoltêam rubras, depois mudam-se em negros insectos, nos espaços perdem-se.

A treva treme á um grito. Farfalha a rama, dardejam no ar velhos seixos podres, zimbra cortante um ergastulo bruto...

Jacaré, perseguido, chicotêa o flanco de uma onça fulva.

A féra recúa, encolhe-se, pincha... corta-lhe, numa dentada, a epileptica cauda, tomando-lhe a aguda cabeça chata com a garra firme.

Elle some-se, célere, quasi em rastejos; atravessa as densas tabúas, mergulha, á grunhir.

E n'arêa um rasto fica de sangue vivo, como coralina serpente inanimada.

Crepita a fogueira.

Dansa o gentio, macabro, á rubra chamma.

Encolhidas feiticeiras, acocoradas, pellanquentas, enregelam-se ao frio da noite baixa, e tremulas esgaravatam o brazeiro endemoinhado.

Grita, ás tontas, pela espaço a *alma perdida*, operculando as azas curvas.

A natureza assombra-se com o alarido das tribus pavidas; em derredor o écho amedronta... estruge!

Sobres os mutillados membros nús, e tatuagens funerarias, anceiam prantos e soluços...

Na cabana do chefe, o poderoso Yáia, a rêde guarda os restos preciosos de seu filho.

Jardim selvagem a cerca: maracujás florídos, enfestoadas trepadeiras, parasitas de velludo e luz, silvestres arbustos pendulando flóreos cachos de miudas petalas... Jardim selvagem... Perfumes no ambiente.

Rincha o marabá... rincha, rispido, riçado...

Rincha e relincha o marabá — dos ritos anthropophagos o rythmo barbaro dos bailados rudes...

E dansa a horda... e dansa frémita, assanhada, infrene, rodopiando aos guinchos que o relincho marca...

Yára não quer, junto ao filho morto, vasos de barro tosco. Yára não quer igaçábas pobres!...

Em altos postes em continencia ao cadaver bem querido, empallidecem cabeças em luctas conquistadas.

Para traz, retesando os torsos, vergando as nucas, frontes a prumo á cima, sopram corneas buzinas os pregoeiros.

Fóra, no terreiro, cingido pela cinta em vigoroso laço que esteios e pulsos prendem, captivo e prisioneiro, esquiva o corpo á maça hieroglifada que zumbe, de quando em quando, descrevendo circulos na leve escuridão.

Debalde ao golpe foge.

A massa revoltêa. O ar soluça.

E de novo volta o resistente madeiro, pesado, em contorsões.

O captivo resiste, mas... em estilhaços salta-lhe o craneo... o sangue despeja-se, e o corpo inerte oscilla, pende, estatela-se.

Pela cordilheira correm os selvicolas, assustados, temendo de Yára o rancor e o magua.

E defronte do corpo frio do herdeiro, que a taba mandaria, carnaúbeiras ardem, afugentando os genios máos que a noite traz.

Em vez de a terra cavar para lhe dar descanso, Yára enterrou o filho n'uma abobora sob as ramas da sapucaia.

Uniu-lhe os joelhos ao peito, sentou-o em seu jazigo; enfeitou-o com seus collares de dentes e com seus diademas rubros.

A flecha, a clava e membys ficaram a seu lado para os combates da morte.

Aos pés um bando de pombas mortas — alforge de travessia...

E por amulêto — uma cauan de quem as cobras fogem e a quem teme as cascaveis.

Depois, elle, o poderoso Yára sentou-se, a chorar!

E nas palmas do licury, um bando de rolas pardas pousou a carpir a magua do invencivel caboclo e chefe.

Madrugada.

Acorda o insecto das mádidas folhagens.

Envolvem vapores a rocha, e o feio abutre acurva o pescoço nú, o bico esconde debaixo d'aza larga que ultrapassa as nuvens.

Yára caminha, a essa hora.

Apenas avista a abobara tumular, nota que de

seu bojo, envolto de algas marinhas, se escapam enormes peixes...

Aterrorisado corre á taba, congrega a tribu inteira para contar o caso infausto.

Soam as trompas.

De todos os lados assomam guerreiros suppondo augurios. Mulheres correm. Velhos pagés manquejam, abordoados, meneiando o algodão das grenhas; crianças alarmam-se, e feiticeiras sugam, aos rins encolhidos, a tecedura chocalante das tangas d'enfiados cocos.

Está presente a tribu.

Quatro caboclinhos gemeos que attentavam Yára, famintos partem para as ramas da sapucaia.

Vão nús, zebrados, anciosos, em busca da productiva pesca.

E tomam sobre os hombros a abobora tumular.

Alegres, trefegos, partem, levando o fardo precioso.

E a abobara começa a porejar... a porejar...

Mas, dão de face com Yára.

O chefe traz o senho carregado; é grave e sombrio.

E elles, de medrosos, largam o fructo, correm.

Cáe ao chão a abobora, parte-se; e de dentro della tanta agua se estravasa, tanta! que inunda a terra, alaga os campos e fórma os mares.

III

OS ESCRAVOS VERMELHOS

OS

ESCRAVOS VERMELHOS

I

UMA RAÇA DO CÉO

Os seculos asceticos da idade média batiam ás portas do Renascimento; as instituições monasticas, de bruços sobre as lages dos claustros, diziam *Amen*, quando Ignacio de Loyola e seus sectarios preparavam-se para a confissão e para a prédica, para o ensino e para as missões evangelicas.

Com estas armas de combate a Companhia de Jesus fulminaria o ultimo pensamento de islamismo, que porventura brotasse no meio-dia da Europa, e a duvida philosophica encontraria sérias resistencias.

Confirmadas as bases e o ritual da *Sociedade* por Paulo III, os jesuitas destinavam-se aos infieis e aos selvagens, ao mesmo tempo que armavam proselytismo e engrossavam as fileiras da santa milicia.

E o povo de monges, levantando-se de mãos postas, silencioso e triste, com os flancos ensanguentados do cilicio e as faces encovadas do jejum, viu seus irmãos livres que tomaram a direcção da Italia e da França, da Hespanha e de Portugal.

O Brazil, nas suas oitocentas leguas de costa, desbastava com o fogo o interior de suas montarias*; e os Aymorés, no empinado de sua cordilheira, toldavam os ares com as nuvens de flechas, disparadas sobre os navios dos conquistadores.

A capitania da Bahia perdera seu primeiro donatario, Francisco Pereira Coutinho, e, para substituil-o, D. João III encarregou de uma expedição a Thomé de Souza.

Os homens da fé viva attentavam o instante; e na armada que sessenta e seis dias depois che-

---

(*) Canôas indianas.

gou á Bahia partiram de Lisboa, em 1549, os padres Manoel da Nobrega e Leonardo Nunes. João de Navarro e Antonio Pires, acompanhados dos irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome.

A viagem lhes fôra longa, porque longo é o caminho do céo pelas avenidas do apostolado.

Nas noites claras do convez, aquellas grandes sombras, mergulhadas no extasis, atravez do ether azulado percebiam o Deus admiravel, ao scintillar das estrellas que pareciam soltas entre o espaço e o mar.

O arraial de Villa Velha destoucava-se da selva com as suas casinhas alvas, abrigo do colono activo e do caboclo indolente. Ahi alojaram-se os missionarios, esperando até um mez mais tarde a edificação da demarcada cidade.

Entre o machado e a sineta da missão ha pontos de contacto : o som daquelle é o prolongamento do toque desta. O machado ferindo o cedro, o cedro pende e arria ; vibrando a sineta da aldeia, o catechumeno se inclina e reza. É a analogia

da natureza inconsciente com a natureza que pensa.

E o machado echoou na floresta...

Ao amanhecer, no terreiro, a meia legua do arraial, estava fincada uma cruz. O caboclo sarapintado cavalgava as ramas antigas; a familia indigena acocorada, espichada sobre o ventre, embebia no indefinido o olhar espantado... E os rudes moradores, com as suas vestimentas de festa, seguiam compassados os lenhadores da vespera.

Aos rubores do sol na alvorada, ao canto de todas as aves, ao aroma de todas as flôres, o padre Nobrega celebrava o primeiro sacrificio em acção de graças.

A matta virgem é um templo; em cada nicho de grutas, furnas e cavernas, a alma encontra um santuario; em cada montanha — uma escada mystica.

Mas de onde vinha aquelle immigrante, que, na brancura de uma hostia, suspendia o esplendor

de todos os mundos? De que desconhecidas paragens aportaram aquelles enviados que fallavam na linguagem dos anjos, linguagem quasi ignota ás solidões americanas?

— Do céo!...

II

OS SANTOS APOSTOLOS

Por ordem do governador Thomé de Souza, os limites estabelecidos para a edificação da nova cidade foram alterados, ficando o sitio definitivo para aquelle fim a alguma distancia.

Os padres jesuitas internavam-se nas florestas com os moradores; e emquanto estes derrubavam a canelleira e o pequiá para a construcção de suas vivendas, aquelles apparelhavam as madeiras para o fabríco da igreja de Nossa Senhora da Ajuda, a mais antiga que teve no Brazil a Companhia.

A casa protegeria do indio bravo e da féra a população exilada, e o templo com as suas dependencias resguardaria sob seus tectos o altar e o sacerdote.

Do alto dos vigamentos a roupeta despedaçada pelos espinhaes fluctuava aos archotes vermelhos dos operarios da noite, e uns braços lividos martellavam as cornijas da morada do Senhor.

E por que perseverar na paz se a luta ia empenhar-se? Por que descansar na estrada se a jornada era extensa e contingente o pouso?

Ceder ao vigario recem-vindo da metropole o dominio da igreja foi-lhes dever, pois a guerra fratricida debilitava as tribus foragidas, e a impenitencia sem o baptismo as aprisionava nas malhas do peccado...

Vae e clama! era a senha do jesuita; e com ella elles lá se foram da cidade que surgia á eminencia depois denominada de Monte Calvario, onde, renovando trabalhos, fundaram o actual convento dos carmelitas.

Dos indios de toda a capitania era este o logar mais infestado, por conseguinte a sementeira a desatar-se em laureis e martyrios... E Nobrega

armava os laureis, porque era um heróe, e o martyrio, porque era um apostolo.

Então armada veleira sulcava imperiosa as aguas da Bahia. Era Ignacio de Loyola, que, compadecido dos precursores que linham ido annunciar o reino de Deus, em nome da mortificação e da obediencia, apontara aos padres Affonso Braz, Salvador Rodrigues, Manoel de Paiva e Francisco Pires, a eterna esperança nas regiões inesgotaveis da America do Sul.

Os passaros, librando-se na luz, os seculos enrolados nas arvores, a criança gentia roendo a phalange sem carnes do prisioneiro immolado, as hordas sem crenças ateando guerras incommensuraveis — tudo previra o chefe da seita civilisadora quando, entregando o catechismo da missão, murmurou aos companheiros que partiam : — Boa viagem !

Aos seus tropeis as solidões opulentaram-se de aldeias catechisadas, os seminarios galgavam as paredes de taipa, e os filhos dos indios e mestiços, sentados nos bancos de tamarineira, aprendiam o exemplo da virtude e soletravam na *Carta* o nome de Deus.

Da escola, ao cahir da tarde, umas harmonias mansas subiam como um bando de pombas... No adro do seminario o jesuita afagava com a ponta dos dedos o rosto oval do infante das selvas, e uma turma de luzes semeava-se na escuridão das abobadas naturaes...

A procissão dos meninos passava.

III

OS DEGRADADOS

A armada que chegou de Portugal no começo de 1551 foi um orphelinado e um carcere. Nesses navios medonhos o crepe das urnas cobria os ferros do calceta.

As engeitadas são as orphãs do Estado ; estas entram de luto na vida, porque espiam o mundo pelo crime.

O casamento da engeitada com o galé é um incesto moral. A esposa é filha e neta. A individualidade paterna identifica-se com o marido, de

quem, se não é uma cópia, é uma continuação.

Que importa isso? Eram povoadores. Os desherdados da sorte e os degradados dos homens agarram-se ás vezes á existencia por um só escarpamento-a morte. Com uma differença : o que para aquelles é ella uma conciliação, é para estes o clima da liberdade perdida. O Brazil era uma e outra cousa.

No dia seguinte as correntes tiniam suspensas nos arvoredos, os punhaes oscillavam fincados nos troncos retorcidos. O vento, açoutando-os, parecia um gemido pungente e doloroso.

IV

NOVAS MISSÕES

Resolveu o padre Manoel da Nobrega que nesse mesmo anno fosse o seu confrade Affonso Braz á capitania do Espirito Santo, onde o acolheram com pompas e favores as nações selvagens e os colonos.

Elle, porém, á vista do funesto estado de Pernambuco, durante o governo de Duarte Coelho, com o presbytero Antonio Pires emprehendeu viagem, indo prégar as doutrinas christãs.

A fama de suas boas obras havia gerado sympathias estranhas, sobretudo nas tabas pernambucanas.

Para alcançal-o, os indigenas desciam das aldeias remotas, carregando ao hombro os filhos e a caça, os peixes e as flôres.

A alegria arredondava aquelles semblantes trigueiros, como os sulcos de ouro o bronze dos monumentos.

Os cantos e as dansas, as grinaldas agrestes e a baunilha inebriante, tributavam os pobres selvagens áquelles que lhes vinham dar em troca a salvação e a calma, tão prodigamente por elles liberalisadas na Bahia e em S. Vicente.

Mas Nobrega não podia demorar-se; os seus primitivos neophitos necessitavam ainda de bondosos cuidados. Confiando ao padre Affonso Braz a causa desses infelizes, voltou á capitania deixada e ao seio dos seus.

V

NA MATTA VIRGEM

A floresta abafa. Nos olhos vidrados dos pantanos transparece a febre delirante dos tropicos. Os hospedes do deserto aquietam-se, esmorecidos do calor.

A onça e o tapir refugiam-se na escuridão humida où lambem a borda dos charcos insalubres.

O jaguar esbofetêa a presa, faminto e sedento.

A cobra e o lagarto brigam, combatem.

O gato do matto espoja-se; da clareira fendida entra um novelo de luz, que elle desfia com as garras...

As aves não trinam; pulam dos cipós, rastejam nas lagôas e, alteando-se na sombra, arrufam as pennas nas ramagens defronte.

Myriadas de insectos zumbem, redomoinham; e no apice de uma pedra, enorme borboleta, juntando as azas espelhantes, projecta de um lado e de outro claridade funebre, indecisa.

De repente, em um turbilhão de poeira, demandando o sertão da banda do sul da Bahia, cerca de duzentas leguas d'alli, os sertanistas, por mando de el-rei, atravessam, no afan do descobrimento das minas.

O padre Navarro fazia parte da expedição; os selvagens de diversas nações, á sua palavra inspirada, o seguiam e aos bandeirantes, até sahir ao mar.

E assim os assentou em aldeia na capitania de Porto-Seguro.

VI

EMBARQUE E PARTIDA

Foi em 1553. Nobrega e Thomé de Souza dispuzeram-se a visitar toda a costa do sul; tomando comsigo quatro orphãs e o padre Antonio Pires, erraram de altar em altar, de aldeia em aldeia.

As capitanias de S. Vicente, Ilhéos, Porto-Seguro e Espirito Santo, achavam-se sonoras da

palavra do Senhor, que os jesuitas repetiam ás selvas e ao gentio.

A frota do governador, estacionada neste ultimo porto, recebia equipagem; o piloto estava a bordo e a escada de corda desdobrava-se das amuradas do navio.

Levantando ferros, qual seria sua derrota? Riscando a vaga que se afulva desgrenhada á quilha movediça, em que plagas iria fundear?

Os marinheiros respiravam na vastidão serena, e a armada do governador, ao desfraldar dos pannos, iria aninhar-se nas aguas placidas do Rio de Janeiro.

O missionario e Thomé de Souza, de pé sobre a canôa indiana, approximavam-se...

Aquelle, adiante, estendendo a mão, parecia suster o globo do sol que estalava aos incendios do occaso.

As correntes tinem no cabrestante, as cantilenas monotonas dos marujos resoam, e a ancora gotteja na prôa.

As nuvens, franjadas de um avermelhado de cobre e de um amarello de ouro, augmentavam o effeito dos raios do poente.

O arrendado das serras, interceptando a claridade que coava dos intervallos, alinhava nos horizontes os rutilantes diademas do crepusculo.

No momento em que a frota se fez de vela, o padre Nobrega, suspendendo o olhar, refugiou no céo toda a luz da terra e do mar.

VII

COSMOGONIA

A lenda dos Passés, dos desditosos indios do Rio Negro, adapta-se por tal fórma aos espiritos despreoccupados, no periodo intermediario do somno e da vigilia, que os arrebata ao fetichismo.

Entretanto o seu fetichismo é de ordem elevada, pois acreditam no movimento da terra, e dizem que d'elle se organisaram os rios que se espadanam e os riachos que serpeam.

Os rios são as arterias do fetiche barbaro e os riachos as veias. Dividindo o firmamento em duas espheras concentricas, da atmosphera central

fazem a morada da divindade no meio da luz.

Este deus, segundo suas crenças, apparece de dia no limbo incandescente do sol, e de noite no vulto das estrellas, que são milhões de furos da camada inferior da abobada infinita...

Da terra em ebulição e das ondas fumegantes sobe a noite.

VIII

NATURALISMO

Na tréva a natureza selvagem é um mixto do que é bello com o que é monstruoso.

Quem contempla as solidões tropicaes nessas horas solemnes suppõe-se o conviva de um sahimento funebre.

O mysterio roça com as azas de fantasma as mattas virgens, e as aragens da outra vida gelam-nos o corpo e a alma.

Os genios de retinas brilhantes remontam-se dos paúes nos fogos fatuos, embalam-nos os dias

nas sombras immoveis, e regougam nos ventos em estylo prophetico.

A America está morta.

O seu caixão de florestas tem por travesseiro as neblinas que se peneiram das serras, por argolas de prata as lagôas de crystal por onde os rios o carregam até o amanhecer.

Na camara ardente d'esses climas, as montanhas são os sacerdotes que accendem as tochas de estrellas; as cachoeiras rezam nas suas estantes de pedra as lamentações de finados, e o rugir da féra é como o grito hysterico da mulher que desmaia de dôr.

Descansado na éça de despenhadeiros o pesado esquife, os gigantes das selvas, com suas barbas de musgo, oram nos rosarios de lianas, e depositam sobre elle as corôas de flôres que teceram aos arrebóes.

O oitibó doente pousa nas estradas, grasna nas moitas, e no bico aberto lhe entra um pedaço de tréva, que rasga voando.

Os vagalumes, tecendo um véo fragil e scintillante, o atiram roto sobre o corpo algido da defunta.

O Cruzeiro do Sul esbarra nas arcadas do céo e projecta-se-lhe sobre o peito; as tribus resonam nas redes, celebram seus ritos, e atroam o espaço com o arruido das suas festas.

Das abas das montanhas, nas brenhas longinquas, pequenas zonas de fogo se distinguem na escuridão.

São as fogueiras dos selvagens, das feiticeiras em ronda, que fascinam os olhos da onça e aviventam o fervor dos sortilegios.

As superstições e os sonhos dansam e pulam em torno; os echos transportam melancolicamente as cadencias dos instrumentos de ossos das nações reunidas e os termos cabalisticos das sibyllas fatidicas.

O prestito caminha...

IX

OS LAVRADORES

O *potyrão* é a festa dos lavradores indigenas; festa em que as malocas se esvasiam, porque os campos se enchem.

A mulher indiana cahe extenuada sobre a terra; a plantação vinga e cresce, mas o seu braço é fraco para fertilisar as geiras que alimentarão as tribus, e cultivar as raizes que darão estimulo aos guerreiros na guerra e sonhos alegres na paz.

Para as jornadas do trabalho as caboclas do Espirito Santo convocam o auxilio commum dos homens e dos povoados.

Á porta das cabanas de palmas aguardam o hospede, preparam as redes ao forasteiro lasso, moqueiam o tatú e o tamanduá, emquanto os anciãos narram aos moços as lendas de suas pescarias e os contos de suas caçadas.

No terreiro, entre cantos e bailados voluptuosos, as velhas resmungam em torno das gamellas, a meio d'agua e de mandioca, que remexem com páos e espremem nos dedos escanifrados...

O liquido espirra, e escorrendo do ar o que resta, machucam os bagaços nas gengivas desdentadas ou nos dentes apodrecidos e fetidos.

Então estiram o pescoço hectico, e vomitam nessas adegas asquerosas o bolo lubrificado de saliva, o fermento da *cauaba*.

Tres dias depois a distribuem com os estrangeiros e a tribu, no eito das campinas e nos serões convulsionarios e sensuaes, ás flammas das fogueiras.

E as velhas, magras, de têtas longas e molles, de pernas finas e tremulas, circulam as cuias plenas de *cauaba* e de embriaguez.

X

CANIBALISMO

Nós somos aquelles que fazemos estirar o pescoço ao passaro; se fosses papagaio, voando nos fugiras...

Eis as lôas das cantigas malditas que se escapam, como os sons do abysmo, das casas sem repartimentos dos anthropophagos; eis o estribilho do côro dos selvagens ás libações duradouras da vingança.

As bailarinas de cocares de escarlate bambaleam, os guerreiros emplumados avultam lá den-

tro; e os musicos bronzeados sopram nas trompas feitas de caveiras, implantadas de bambús.

Os potes de resina e os fachos em labaredas accentuam as tatuagens bizarras dos semblantes e das fórmas nuas da multidão tumultaria, e dão um aspecto justamente sinistro a essas ceremonias horriveis.

A festa da matança se prolonga, emquanto os vinhos aturam profusos, e as carnes do captivo se atam aos ligamentos.

Aqui e ali pequenas coivaras disseminam-se, com suas forquilhas esguias, e os quartos das victimas estalam, a pelle enruga-se ao calor dos tições em cinzas.

Debaixo da mangueira do moquem, o giráo dá passagem ao fogo que assa o cadaver; os chefes voltam no brazeiro as regiões que chamuscam....

No craneo fracturado o indio acolla os labios e sorve o cerebro..., os magarefes perfuram o epigastrio, e os meninos mettendo a mão até o hombro, retiram-n'a com os intestinos, que tostam ao rescaldo e comem, pulando e correndo.

E o bando canibal applaude em alaridos os membros moqueados do prisioneiro, que trazem

da fogueira ainda palpitantes, e os devora, saltando e cantando.

De repente ouve-se passos..., um coaxar de folhas crestadas.

Apartando um reposteiro de ramagens, uma cabeça livida modelou-se ás chammas rubras, e espavorida atufou-se nas sombras...

O jesuita desappareceu.

XI

O INESPERADO

Contra os Tamoyos confederados em toda a costa do Rio de Janeiro, que recurso como aggressão, e que meio como segurança tinham os portuguezes ?

— O mar com as suas ardentias, o Espirito Santo com as suas aldeias ajoelhadas nas missões, e as tripolações aguerridas de suas esquadras para rechaçar o inimigo.

E um ponto negro prenunciou a tempestade...

No torvelinho do naufragio, quando não restava da frota de Thomé de Souza senão o nadador pendurado á crina das vagas, um transfigurado, aos lampejos mornos da tarde, caminhava por sobre as ondas...

— Era o padre Nobrega.

XII

OS NAUFRAGOS

Salve, estrella do mar! — A teus pés a vaga scintilla e treme na serenidade dos golphos; a teu facho vacillante o marinheiro indifferente remonta-se aos passados dias.

Sim, ao levantares-te do remanso humido das alcyones, elle te bemdiz em nome dos climas venturosos, recorda a cabana da familia no porto maritimo, em que, mirando o navio que o trouxera, conversou a respeito de seus trabalhos com a esposa laboriosa e os rudes companheiros de viagem!

Salve, estrella do mar! — tu que resplendes nas montanhas como uma prece de labios de anjo, como a agonia de um santo que o antecede no céo.

Assim murmuravam os redivivos ao entardecer de S. Vicente, quando, atravez das folhas, esgueiravam-se os raios daquelle astro, que lhes dera a esperança e a calma, o prazer e o salvamento.

XIII

A CONFEDERAÇÃO

Guarnecendo os degráos fragosos da cordilheira, envenenando nos reconcavos as suas flechas ou recostados á serra dos Orgãos, os alliados dos francezes travavam combates heroicos e ignorados.

O assalto ás povoações portuguezas, a pirataria dos canoeiros indigenas ao redor das armadas dos contrarios, salpicavam de sangue a selva e os mares.

É que o conquistador levou o vicio e desencadeou-o nas tabas dos barbaros: — a libertinagem,

e escondeu-a por trás das redes de suas mulheres e filhas, e o roubo que tinha por gazúa a missanga e por porta falsa a boa fé e a ignorancia.

Um dia, porém, no trajecto do crime, uma scentelha do inferno irritou o cerebro dos Tamoyos, e outro aventureiro bateu-lhes ás mattas de páo-brazil; e emquanto as cortava para o seu commercio, implorava-lhes protecção contra a cubiça e o dominio.

E a confederação estrugiu nas buzinas, alçou a cerviz eriçada dos collares de dentes de guerreiros mortos, e abateu-se das cordilheiras com as suas azas de quarenta leguas.

XIV

OUTROS MISSIONARIOS

Com D. Diogo da Costa, segundo governador do Brazil, a capital luzitana viu partir sagrado bando em 1553.

Essa phalange era um grupo de sete constellações, puras e limpidas como a fé primitiva.

Esparsas nas solidões, nas suas bellezas encantadoras, o jesuita realizaria a palavra do Christo, esculpindo no livro das missões as pégadas indeleveis do apostolado.

Chamavam-se ellas — Luiz da Gram, Braz Lourenço, Ambrosio Pires, João Gonçalves, Antonio Blasques, Gregorio Serrão e José de Anchieta.

Para Porto-Seguro aprestaram-se em jornada Ambrosio Pires e Gregorio Serrão que ia substituir o devotado Nobrega, que succumbia quasi na luta; e o catechista de S. Vicente, então na Bahia, volveu aos seus aldeamentos, com sacerdotes e iniciados.

Anchieta e Nobrega sobraçam a Biblia.

Ao rumor de seu pensamento, acordaram visões celestes e eternas.

XV

A TEMPESTADE

A bruma é negra; os tufões assoviam galopando nas ondas; o oceano é como as ruinas de um *pagode*.

Suas columnas liquidas têm um reflexo escuro, e os ventos gemem nas cimeiras á semelhança de mochos sobre tumulos de raças extinctas.

O oceano é um forçado. As suas correntes retinem lugubremente quando a tempestade o retira de seus carceres de abysmos... Envelhecido nas prisões, o relampago, ferindo-lhe a vista, o allucina.

Depois... o delirio e as convulsões epilepticas, os estertores, a espuma que escorre do labio da voragem.

Amarrado aos rochedos, braceja, debate-se, quer assoberbal-o; porém os rochedos são impassiveis em sua rigidez brutal, retalhados pelas garras da aguia, sulcados pelos fuzís que listram-lhes os flancos coroados de naufragos intanguidos de frio, que acenam com bandeiras de trapos á uma vela no horizonte.

E vem o sol... Os seus cimos fumam; os escapos á morte tiritam abraçando as pernas; outros dormem inchados d'agua na circumvolução do granito. Pragas, blasphemias, orações, ais dolorosos, tudo... tudo se confunde nas grandes crises da vida!

Os missionarios naufragam nos Abrolhos; transfugas do combate dos elementos, foram arrojados á praia, onde concertaram o navio despedaçado, e lá se foram para o Espirito Santo.

A dez leguas do mar e quarenta do porto de S. Vicente, o padre Manoel de Paiva fundou o collegio de Piratininga, em que José de Anchieta ensinava grammatica aos aldeiados e mamelucos.

XVI

O ALARMA

A aldeia dos Tamoyos está em festa. É a festa dos Quatro Annos.

A matta golfeja sombras, perfumes e selvagens.

No terreiro, os tectos de palha da maloca deixam escapar clarões, sons que atordoam, vozes estridulas.

As ócas são distinctas : ha a óca das crianças, das mulheres e a dos homens.

Os *Caraibas* trajam pennas escarlates e pretas;

depilados cuidadosamente, os lavores da tinta do genipapo os tornam bizarros; e empunham longos cachimbos.

Na sua qualidade de feiticeiros, seu andar é grave e lento, distribuem cortezias, olham abstractos, gesticulam e pronunciam phrases cabalisticas.

As feiticeiras das tabas, as velhas sibyllas da floresta, achegam-se á fogueira e lambem dos dedos a gordura de carne humana.

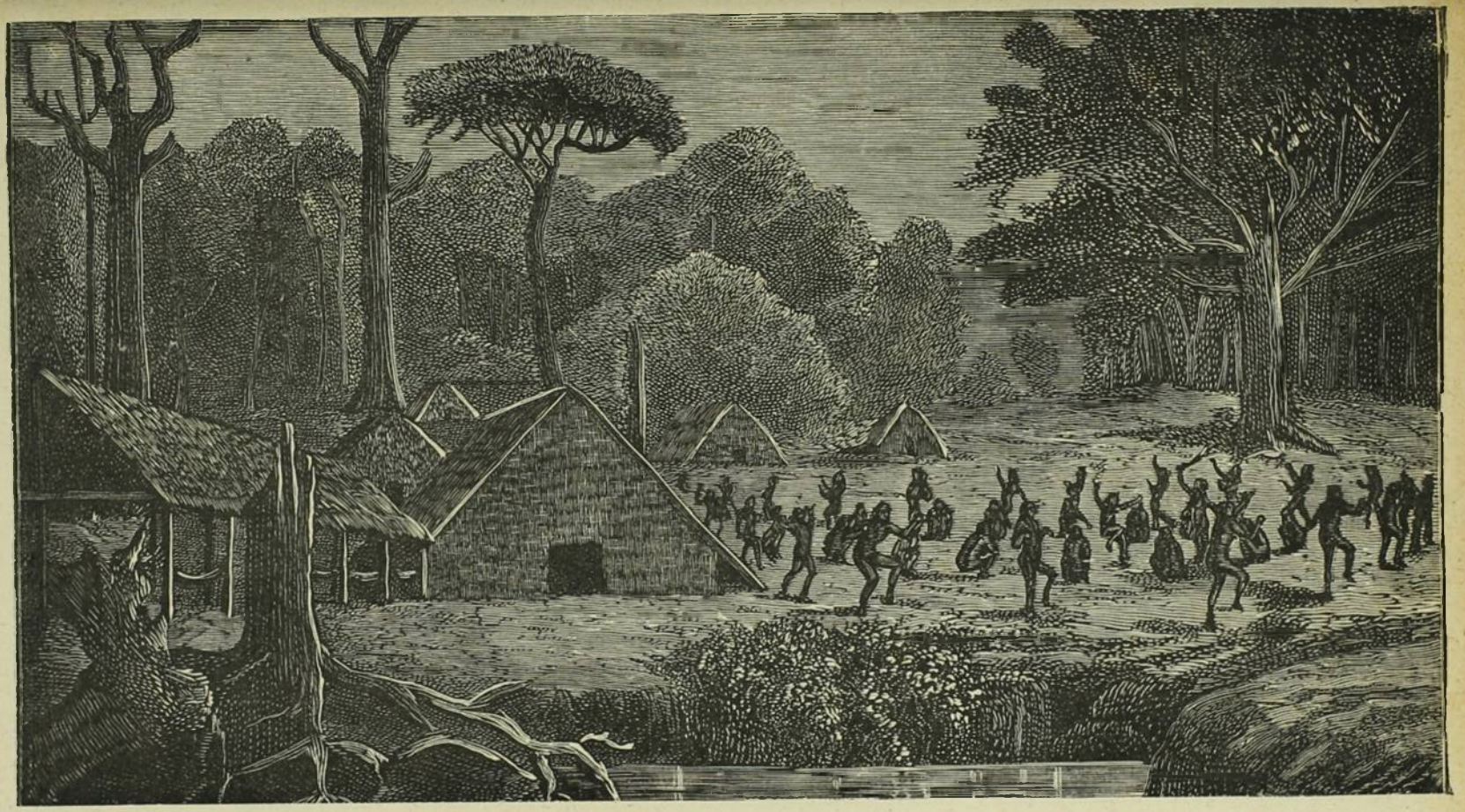
A multidão dansa, marca o compasso e canta. Admira que musica rudimentar, sem arte, contenha melodia, cadencia e expressão.

HE, HE, HUA, HE, HUA, HUA, HUA.

Os *Caraïbas* evocam espiritos, consultam os oraculos de guerra, as entidades posthumas

Acreditam que depois da morte irão habitar por trás das altas montanhas, onde dansarão em jubilos eternos, comendo em lautos banquetes os Ouetacas, seus inimigos irreconciliaveis, já humilhados e vencidos.

Depois fazem chocalhar os maracás, e participam como os demais das folganças solemnes.



O ALARMA.

As crianças choram, gritam e silvam cantarolando; as suas vozes infantis contrastam sensivelmente com a dos adultos.

Os Tamoyos, cobertos de pennugem amarella, dansam em fileira cerrada, no mesmo logar; as pernas movem-se com regularidade, o tronco pende para diante,deixam livre o braço direito, mas a mão esquerda ajustam á nadega.

Os *Caraibas* occupam o centro; seus atavios são ricos e bem feitos; agitam pennachos de pennas, e os seus estribilhos são repetidos com enthusiasmo supersticioso.

HEU, BEURARE, HEURA, BEURARE.

Na casa em que as mulheres bailam nuas o fervor é maior, os córos são mais estridentes e os rodopio mais veloz.

Ha alguma cousa de satanico, de infernal neste *sabbath* americano. Volteam, remexem-se, imitam os pios das aves nocturnas, puxam-se os cabellos e desatam gritos imitativos, inarticulados...

Quando as dansas param e só os cantos ondulam no pavimento e no espaço, as pythonizas, compri-

das e magras como um dia de fome, sahem á frente e, encurvadas, saltam, giram no ar, ouvindo-se as pancadas ôcas dos seios murchos e pendentes contra o ventre chato que se retrahe.

E as labaredas illuminam aquellas figuras sinistras e aereas, que escancaram uma boca chupada, escura e nojenta.

A bacchanal ferve, referve...

De repente a *alma perdida* grita na palmeira das balsas.

Os convivas estremecem.

Eram seus parentes mortos que vinham trazer-lhes, na fórma de um passaro, noticias do outro mundo, ou um vaticinio de guerra imminente.

Os guerreiros empolgam os arcos...

Os *Caraibas*, accendendo os cachimbos, espalham pelá assembléa fumaça propicia.

Ao amanhecer, as náos e bergantins de Mem de Sá bombardeavam o Rio de Janeiro.

XVII

VILLEGAIGNON

Villegaignon imaginou uma França Antarctica. Desta idéa fez elle todo o seu cabedal, todo o seu thesouro.

Consorciando o pensamento politico com o pensamento religioso, acariciou-os como o somnambulo a visão de seu hypnotismo, embora mais tarde esbarrasse acordado de encontro á realidade impiedosa e esmagadora.

Naquella physionomia de batalhador notavam-se os traços de um Origenes. Por cima da espada do cavalleiro engastava-se a cruz de um templario; e a cruz e a espada eram manejadas por braço robusto e alma resoluta.

Planejou uma reforma religiosa que excedesse a qualquer outra; refutou e corrigio os erros e interpretações de Calvino; formulou um codigo de moral social, e fez passar pelas armas os réos confessos.

Aos protestantes, ás victimas das perseguições da Europa, preparava no Brazil um paiz livre da tyrannia dos reis, das autoridades despoticas, e que se engrandecesse das maravilhas de Deus.

E Mem de Sá metralhava os confederados...

Em S. Vicente o padre José de Anchieta disciplinava os catechumenos, organisava um exercito, equipava canôas de guerra, adestrava forças de abordagem...

Os francezes, reunidos a mais de oitocentos flecheiros tamoyos, entrincheiram-se na ilha fortificada de Villegaignon.

Os portuguezes, desnorteados pelos tiroteios interminos no imprevisto da costa, tiveram medo... Sua coragem vacillou um instante.

Sem praticos da enseada, sem navios pequenos, sem viveres, como decidir da sorte de um combate que iria abrir-lhes um mundo ou fechar-lhes um tumulo?

Emquanto a armada de Mem de Sá entretinha o fogo, o padre Nobrega, expedido por elle, desliga-se da esquadra e vae n'um bergantim artilhado a S. Vicente, que lhes offerecia soccorros.

Em breve tempo, com canôas e pilotos, munições e alimentos, soldados e marinheiros indios e mamelucos, capitaneados pelos jesuitas Gaspar Lourenço e Fernão Luiz, encorpora-se á frota.

E por dous dias pelejaram os bravos...

A gente de Anchieta e Mem de Sá, apoderando-se da casa da polvora das Palmeiras e fazendo capitular a guarnição, carregou sobre o forte de Villegaignon.

No meio da noite, escorregando pelas muralhas empoçadas de sangue, os francezes e Tamoyos ganhavam as embarcações e internavam-se nas mattas.

XVIII

O MISSIONARIO EM VIAGEM

O missionario viaja. A empreza é aventurosa e arriscada, as brenhas escuras, e a escuridão chocalha nos guizos das cascaveis...

O jesuita, porém, conhece a posição astrono-

mica dos paizes a que se dirige, insensivel ao martyrio e agil pescador de almas.

O seu bordão dera-lhe o ipé rebentado em flôres, e com os pés descalços trilha por montes e pedregaes, por valles e serras.

O breviario alenta-lhe a esperança, a frescura da noite e os orvalhos tepidos restauram-n'o do quebranto.

Creaturas semi-núas e bravas, que nasceram á beira dos rios, sob o tecto farfalhante dos vegetaes incolumes, mas purificadas pelo baptismo, o escoltam, com fouces que talham as picadas, com os paramentos dos altares de improviso, e com as flechas que levam a morte á caça e trazem a vida á caravana da fé.

O missionario pára e reza... olha para o rumo da agulha e anda.

A lua os surprende na florestas absolutas, uma, duas e tres vezes.

Os rios servem-lhes d'agua nas amphoras dos tinhorões, a gomma-resina desfaz-se em lagrimas dos fachos nodosos, e as cavas dos rochedos e os bosques recatados franqueam-lhes albergue inesperado e balsamico.

Então as aldeias se descortinam, o cheiro especial a cada tribu hyperestesia-lhe o olfato e o missionario discrimina a nação á distancia, a aldeia selvagem em que vae entrar.

Hastêa a bandeira da paz, alça a cruz, e convicto marcha imperturbavel.

De seus labios a unecção evangelica expande-se suave como o azeite entornado dos alampadarios.

As mulheres e os velhos agacham-se nas portas das malocas, os guerreiros e os *pagés* espreguiçam-se nas redes indolentes, e as crianças, rolando na terra, guincham e marinham ás arvores.

O jesuita falla: na linguagem das selvas os selvagens o entendem.

Os velhos e os guerreiros, as mulheres e os meninos da taba, apontam para a corôa do venerando missionario e, á uma, exclamam perplexos: — Abaré! Abaré! (Padre! padre!)

E do decubitus abdominal, porque assim recebem os hospedes illustres, levantam-se do chão, para proporcionar-lhes noitadas amigas e gazalhado favoravel.

XIX

A INSURREIÇÃO

Combates ephemeros, lutas encarniçadas atrasavam as aldeias, fazendo rarear a colonisação e a mestiçagem, e despojando as florestas ferozes dos gentios que se arredavam para maiores solidões.

Os Tupis, alliados dos portuguezes, não haviam embotado as suas flechas na matança fratricida; considerando-os inimigos, arrojavam-se aos borbotões sobre os povoados das missões.

A costa ensombrada de guerreiros tamoyos, e o Espirito Santo dardejado dos odios impereciveis de uma raça, eram como um vestibulo de trévas impenetraveis á catechese e á conquista.

Araryg commandava as hordas hostís e Anchieta adormecia nos buracos entupidos de luar dos rochedos, exhausto das jornadas, mas deslumbrante de inspirações e milagres.

Trinam os passaros na musselina das nuvens, as giboias estendem-se aos bafejos das matinas, o jacaré sacode das escamas as faiscas do sol...

Anchieta desperta...

Adiantando-se de lá das cumiadas onde as arapongas de excelso vôo espreitam o infinito, Tebiriçá, o comedor de homens, o cacique de milhares de arcos e sarabatanas, se lhe offerece para suffocar a revolta e subjugar as tribus insurgentes.

Anchieta triumpha em Piratininga.

O valente chefe seria um heróe, se não fosse um traidor.

Uma coincidencia, ou antes uma punição :

— Tebiriçá morreu de uma dysenteria sanguinolenta, epidemia que assolou os escravos dos portuguezes na villas circumvizinhas, a 25 de Dezembro d'aquelle mesmo anno.

XX

A LENDA DOS GUARÁS

A canôa dos indios navega de Bertioga para a villa de Santos. O céo é azul e transparente como as lagôas planas.

Para que uma vela, quando a correnteza a leva e as imponentes florestas não balouçam a folhagem?

Aqui e alli os caboclos mergulham no rio, inteiriçam-se surdindo do profundo, escorrem os cabellos duros e negros, formigam deitados nas aguas, como estilhaços de bronze fluctuantes.

Nas margens, o Tupinambá traspassa á flecha o peixe que se esconde nas pedras, que serpentêa a cauda dourada...

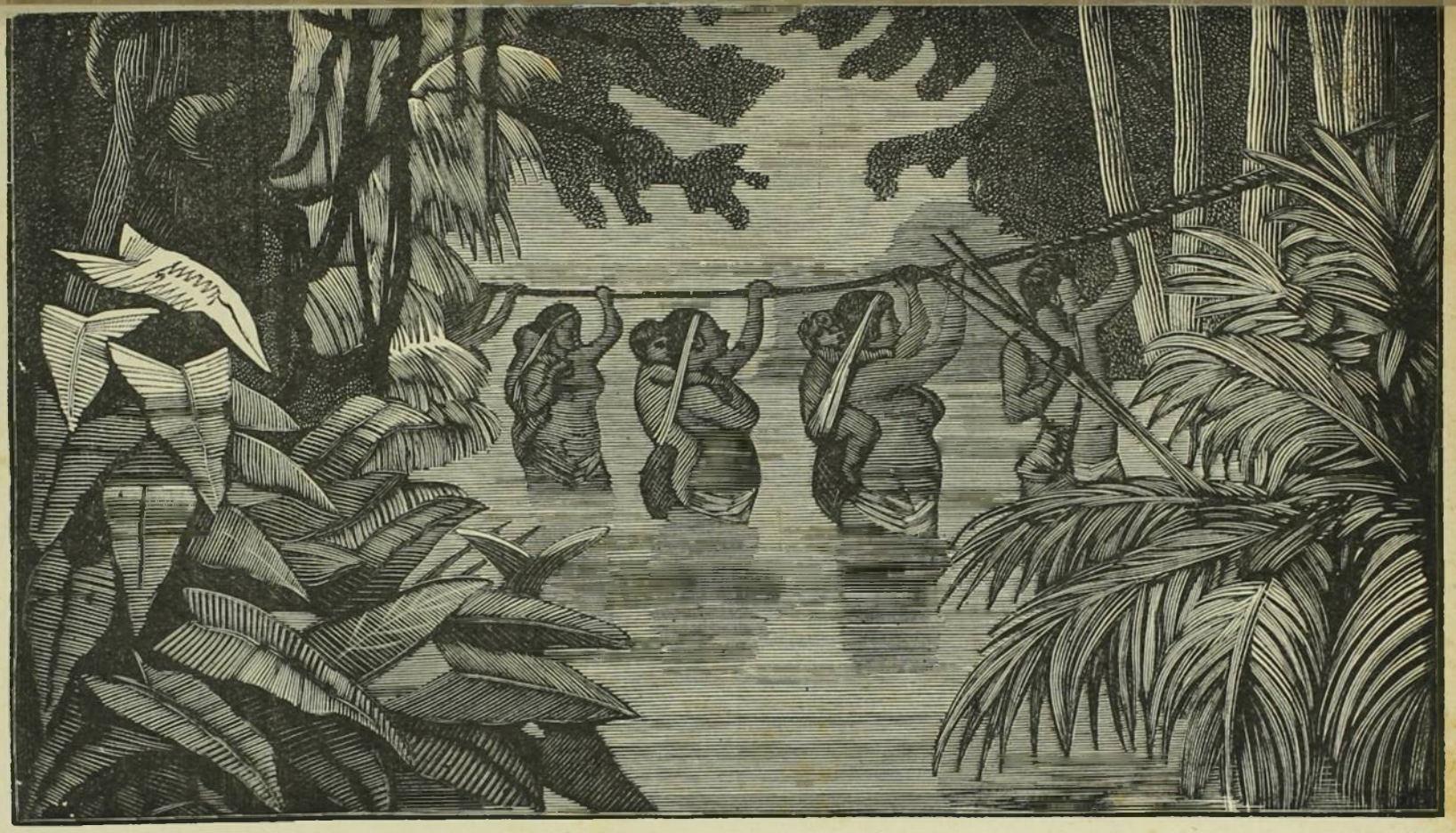
O sol é o artista que funde nos moldes da America as gerações selvagens; é o creador que não faz homens de barro, porém de cobre: a sua imagem no occaso tem esta côr.

Os remadores limpam no dorso da mão o suor da fronte. Leonardo do Valle offega...

Anchieta, nas oscillações da prôa, não sente o sol, porque não olha para o mundo; folhêa as *Horas* e seu espirito navega n'outras plagas.

O ambiente é calido, é o de um forno... O leme estala, as pranchas envergam-se mais aos raios do sol a prumo.

A's murmurações dos companheiros, Anchieta estaca.



FAMILIA DE BOTOCUDOS ATRAVESSANDO O RIO.

A's vistas congestas dos navegantes, o rio estendia-se com um panno preto faiscado de luzes...

A insolação os fulminava com a vertigem, com os encandeamentos apopleticos.

O missionario teve piedade d'elles, apercebeu no além umas aves e conjurou-as :

EROPITA BOYAMOREBO.

E os passarinhos vieram... Ordenou-lhes que os cobrissem com as suas azas, e elles desenrolaram sobre o batel um toldo de iris e de harmonias...

A canôa dos indios vogava como um palanquim fantastico...

Anchieta lia as *Horas*...

Dir-se-ia uma scena do Paraiso.

XXI

OS ROMEIROS INDIGENAS

As florestas supremas do Espirito Santo encaminham ao adro do convento de S. Thiago as

tribus deshumanas, e a serra do Araçahy ouriça nas settas dos guerreiros que borborinham nas quebradas e baixios.

Da esplanada o mar, com as canôas á aventura, avista-se sumptuoso com as suas ondas vagabundas

Atravessando a nado o rio Jucú, os Aymorés ultrapassam as orlas da cachoeira fervente, as mulheres dispersam nas espumas alvacentas a cabelleira sombria, e nos promontorios as vedetas indigenas embocam as trompas sonantes.

A familia catechisada boia apegada á corda de cipós de sobre as lagôas; ao hombro do gentio cavalga o filhinho nú; mas a paca e as flechas entesam-lhe o braço musculoso e tisnado.

Ao collo da indiana o rosario e o *patuá* preservam dos males e dos fados insensatos.

Os Goytacazes vão a S. Thiago. A festa de S. Lourenço annunciou-se aos indios deslumbrados das promessas immortaes

Fr. Palacios, debaixo da enorme pedra de Villa Velha, de onde alongava extasiado a vista á eminencia que de prompto seria o convento da Penha, com os cotovelos no batente de terra de sua habi-

tação de anachoreta, sorria-se ao vel-os e os abençoava nas suas abstracções sagradas.

XXII

UM AUTO DE ANCHIETA

O terreiro da igreja move-se na multidão pressurosa, trescala dos aromas activissimos, retumba dos sons dos tamborins e pratos luzentes, das flautas e cornetas asperrimas.

Os arcos de triumpho semelham aquelles espiritos impassiveis; e os bambús ondulam as plumas em semi-circulo, como o mar na curva das bahias.

Os chefes aymorés e tamoyos, deitados em pelles de onça ou esteiras compactas, estendem-se molles, com as suas distincções hierarchicas.

As tribus affluem com seus arcos de cem combates, com seus adornos de cem vencidos.

Com trophéos de guiões e emblemas religiosos, as palmeiras indifferentes e os vegetaes disformes campeam abruptos.

A jaqueira é a matrona das selvas. Nas suas tetas de fructos, a cabocla tece uma renda de parasitas aromaticas ou um véo de flôres de páo-d'arco.

O theatro está ao lado, com suas cortinas de damasco, com seus bastidores de arbustos favoritos. A caixa tem seus machinismos rudimentares, rio artificial, alçapões que tragam e expellem demonios.

Junto do palco isola-se o camarote dos padres, ennastrado de trepadeiras, forrado de paineis allegoricos.

Os chefes de guerra, os *pagés*, as feiticeiras, os indios catechisados e colonos, á sombra das alas nativas e dos galhardetes, cujas bandeiras symbolicas authenticam a victoria do christianismo e de Portugal, comem e descantam, dansam e vibram seus instrumentos.

Os musicos da orchestra, vestidos de pennas e listrados de urucú, descansam á perna as maças e flechas, e dão signal para a representação.

Os indigenas, embasbacados, acocoram-se em frente da scena, ao ar livre. Os Botocudos proeminam mais o labio rompente, arregalam os olhos na immobilidade attentiva, encolhem o

pescoço que se enruga entre as espaduas, e o sol, com sua esponja de ouro, borrifa-lhes o dorso de gottas de luz.

A cortina rasga-se. O autor da peça, descendo do pavilhão sacerdotal, abre passagem no denso dos espectadores e, de pé sobre o monticulo do cruzeiro da missão, põe-se em evidencia, como ponto e contra-regra— Anchieta.

O *Mysterio de Jesus* é um drama sacro. Os personagens são tragicos e burlescos, christãos e do paganismo.

N'essa especie de composições, tão em voga na idade média, os santos vivem em communhão como os deuses, Nossa Senhora dansa a *sarabande* com Jupiter ou Neptuno.

No genero, o auto de Anchieta é um modelo, um typo!

Além de S. Lourenço, S. Sebastião, o Anjo Custodio, Nero, Decio e Valeriano, exhibem-se como interlocutores Savarana, Guaixara e Aimbiré, que representam de diabos: Pijori e Cupié, anjos

da aldeia, e que mais? — o Corvo, o Urubú, a Tataurana, o Gavião, o Cão Grande e seres fabulosos.

Como é vulgar, o autor inquieta-se do successo... Traça com o dedo cada acêno, que fisga dos bastidores um actor envergando costume apropriado.

Tres diabos querem destruir a aldeia com peccados: é a substancia de um acto. S. Sebastião oppõe-se, resiste, esbraveja, e com elle S. Lourenço e o Anjo da Guarda.

Os indios, que desempenham os papeis, declamam que é um desastre, gesticulam como defuntos, sacrificam a arte de respirar, mas conhecem a recta pronuncia e o modo de prender os diabos, que uivam e se estortegam agarrados pelos martyres e seraphins botocudos.

Heróes ha no auto, que celebrisaram-se na guerra dos Tamoyos, que são historicos. Aimbiré e Guaixara pertencem ás chronicas.

As azas de pennas de arára dos cherubins cahem ás vezes, o que não impede que alguem do auditorio vá á scena collocal-as de novo.

Um actor perde a parte...

O contra-regra, consultando a *deixa*, brada irritado : — S. Lourenço é quem falla!

S. LOURENÇO.

Esse tempo já passou,
Tem outra doutrina hoje
E tambem outro Senhor.

AIMBIRÉ.

É verdade, mas só com a boca
Elles se lembram de Deus.

SAVARANA.

É ! chega-te aos seus corações
E falla e torna a fallar
Deus já parece que os guarda;
E em applicando a vista
Parece que via Deus.

O desempenho é magnifico, os artistas cadenciam piedosamente os versos em tupi. Um indio, representando a Lua, assoma no fundo, com uma lanterna; outro, que é o Vento, enche umas bochechas de deus Eolo, sopra, com a cabeça fóra dos bastidores, e um rancho de diabos vermelhos rola no tablado...

Depois levantam-se e, silvando como serpentes, piando como a cauan, occultam-se ao publico, satisfeito do intermedio verosimil.

Anchieta enthusiasma-se... as flautas e tamborins inspiram-se, modulam, rufam.

O dialogo continúa :

S. SEBASTIÃO.

Tu tens olhos de coruja,
Bicho tosco e fedorento!
Vencido ficarás hoje,
Que antigamente perdeste
E arruinaste os homens.

SAVARANA.

As almas é que eu quero,
Inda que eu fique vencido.

GUAIXARA.

Basta de fallar, selvagem!

SAVARANA.

Ainda que eu aqui morra,
Ainda que aqui me matem,
Tu, anda! e vae pôr espia,
Que este quero para mim.

GUAIXARA.

Basta, não fallemos mais;
Vae logo, não estejas triste,
Que agora te mando eu.

SAVARANA.

Guardai bem os vossos olhos;
E basta, que eu já não vejo.

S. SEBASTIÃO.

Mandai, que eu bem vos entendo,
E sahi fóra da aldéa.
Dormis ou estais doente?
Hoje não ganhareis nada
De toda a gente da aldêa.

O poeta que creára o theatro dos indios admira o artistico da execução, a carreira da peça... As approvações dos missionarios que o honram no pavilhão, o animam no systema de catechese.

Um ou outro espectador dispara a flecha sobre a surucucú enroscada, ou o jaguar que accende no escuro de alguma moita os olhos phosphorescentes.

No *Mysterio de Jesus* não ha actrizes. As deco-

rações e vestuarios são extravagantes, os reis trajam mantos de colchas de tribuna, e cingem-lhes a fronte corôas de papelão cravejadas de amethistas e topazios.

Decio, Nero e Valeriano trazem sequito de pagens, que são espiritos máos disfarçados; e os santos a sua comitiva celeste, os protectores ou entidades tutelares da aldeia.

Escapando a *marca* do segundo acto, um dos lances mais felizes e de effeito do poema, o dramaturgo, segurando a cruz, pende o corpo para diante, fecha a mão ao angulo da boca e diz para a scena :—Agora os animaes e os imperadores!

E Valeriano e Decio, o Corvo e o Urubú, a Tataurana e o Cão Grande, invadem o proscenio.

AIMBIRÉ.

É um anjo de Deus este,
Que traz pennas amarellas.

SAVARANA.

Eu sou grande flechador
Das Avespas e Morcego;
E quero flechar a este,
Porque elle é o algoz
Que nos veio amarrar.

AIMBIRÉ.

Vem cá

SAVARANA.

Porventura sou eu mosquito
Para fugir de nada?
Não tenho medo,
Ainda que me vedes pequeno;
Hoje verão que sou grande,
Eu ensinarei a gente
Que me conhece,
E elles se lembrarão
Que lhes posso dar a morte
Como elles mesmo verão.

Savarana, espirito das trévas, evoca as aves agoureiras... É uma scena que faz lembrar o *Sonho de uma noite de verão*, de Shakspeare, ou, melhor ainda, Bodrel d'Arras, o celebre escriptor de *mysterios* do seculo XV.

Os genios subalternos dialogam ao appello da divindade infernal:

AIMBIRÉ.

Vós estais hoje valentes
E ficais hoje com nome,
Sendo vós mais avaros.
. . . . . .

AIMBIRÉ.

Hoje tenho eu carniça,

SAVARANA.

O' Vespa sanguinolenta,
Vem cá junto capeal-o!
Como o Corvo e Grão-Cão
Trazei vossas espadas!
Caburé hoje anda lesto
P'ra comer a estes mortos.

TATAURANA.

Eu sou grande piolho
Que me hei de hoje fartar:
São os ossos para o Corvo,
As pennas para o Gavião.

CORVO.

Aqui estou.
Minha mãi antiga trago...
Eu já venho preparado
Para satisfazer a estes,
Que comam primeiro que eu.

CÃO GRANDE.

Saude, amigo Riscado!
Inda agora te preparas?

Está já este morto,
Capaz de se comer,
Seu Grão-Cão
E tambem tigre cruel.

GAVIÃO.

Eil-os agora a brigar,
Ainda não estão mortos todos,
Venha um pouco de mel.
Eu venho junto comvosco,
Mas aqui está o Capitão.

DECIO.

. . . . . .
. . . . . .

AIMBIRÉ.

Isso é certo,
Vós quizestes matar
S. Lourenço virtuoso.
Elle vem mesmo castigar-vos,
Aqui está em vossa presença,
E eu p'ra levar ao fogo.

Decio e Valeriano afogam-se, conduzidos por quatro beleguins, e os diabos encapellam as corôas dos imperadores.

Ahi a platéa, apertando a barriga, estala uma gargalhada estrondosa e prolixa.

Os padres, assustados, levam a mão á cabeça, e reconhecem que só as suas corôas persistem...

XXIII

O PADRE PALACIOS

As moscas chusmam, as phalenas adejam, as rãs entumecem o papo branco e pegajoso, á borda dos mangaes, e coaxam certeiras.

O templo illumina-se gradativamente, as portas resoam nos gonzos e o incensorio fuma no presbyterio.

A sineta bateu Ave-Maria.

Alguma cousa de divino luziu, fendendo a multidão selvagem.

— O jesuita da Lapinha, que ia fazer a sua oração na igreja.

A surdina da natureza acompanhou a reza dos indios e do catechista.

XXIV

O EXTASIS

O oleo extingue-se na lampada da banqueta da Virgem. Os clarões agonisantes d'aquella luz mysteriosa espancam as sombras nocturnas da habitação do thaumaturgo.

É uma casinha humilde e pobre: suas paredes são de terra, seus tectos de palha; mas, pela janella aberta, a madresilva e a coirana expandem perfumes.

O sassafraz e a almecega, á quéda do relento, embalsamam os campos do Espirito Santo e as grimpas das montanhas.

Na aldeia de Reritiba é ella o asylo ás atribulações e ao soffrimento. O selvagem escravisado a busca, o faminto implora-lhe o pão abençoado, o enfermo a cura, e ao gentio sempre se lhe depara a gotta d'agua do baptismo e o perdão para os peccados.

O oleo gasta-se... E assim como os fachos ma-

tutinos fazem resaltar os vapores azues dos horizontes, os lampejos moribundos d'aquelle astro das vigilias destacam um livro de orações e um banco para pousar.

O porta-flamma crepita... Um circulo esbrazeado se aviva e alaga nas trévas uma rede suspensa e dous catechumenos que velam.

E retrahe-se...

No terreiro, como noivas mysticas, as bananeiras a circumdam de suas folhas e reflectem nas largas palmas o brilho intangivel das estrellas.

Os paralyticos em sua rigidez, os cégos na noite do corpo, os deformados na sua fealdade inutil, lastimam-se e esperam.

A vasca extrema do candieiro borboletêa, e antes de se apagar beija a fronte empallidecida de Anchieta no seu extasis santo.

O extasis é a nostalgia do céo.

Arrebatado por uma idéa persistente, sua imaginação passivamente superexcita-se.

É a vesania religiosa por excellencia; é a contemplação da eternidade na vida finita.

De joelhos e na immobilidade da posição, anesthesiado, a cabeça vergada para traz, os bra-

ços estendidos, a boca entreaberta, occupada por um sorriso, absorto e os olhos immersos n'uma atmosphera que não é a deste mundo, eis o jesuita canarim na bemaventurança do céo e da terra.

E os seus indios o guardam com os seus males e as suas alegrias.

Ao primeiro quebro do *marido-é-dia* nas florestas da aldeia, o vidente da America unge os olhos sem lume de um cégo de nascença...

— Filho, a luz é a vida! diz-lhe.

O selvagem, de rojo a seus pés, com a dextra hirta, como querendo fixar as irradiações da aurora, exclama, contendo a respiração, no automatismo do assombro:

— Pagé-guassú dos christãos, Tupan és tu!

Por essa mesma época, trezentas aldeias de Aymorés da capitania de Ilhéos são destruidas e reduzidas a cinzas por Mem de Sá e os portuguezes.

No sul e no norte os sertanistas e bandeirantes semeam missangas e colhem captivos.

XXV

O OFFICIO NO FUNDO DO RIO

A canôa de Araguassú voga rio abaixo; de Araguassú, o indio temeroso na guerra e debil na paz.

Sua montaria elle a fizera da casca do vegetal gigante, em cujas ramas acoutam-se os temporaes e que desafia o raio na disparada dos relampagos.

De cada banda os canoeiros barbaros a guarnecem, munidos de armas voadoras, e dous jesuitas, ao tom da corrente, lá se vão á villa de S. Paulo.

Os assaltos atrozes das tribus, dos indigenas sublevados por Domingos Luiz Grom, aterrorisam a capitania colonisada, e os missionarios querem resgatar as almas dos incolas e a vida dos fieis.

A canôa de Araguassú é leve como a jassanan das lagôas, e agil como o salto do caboclo pisando a giboia bihernal.

Os padres e Anchieta cumprem a obrigação da reza, lêm o breviario. Manoel Velloso, enlevado nas paizagens quentes, sente o fresco da viração que o desaltera.

A canôa que deslisa aspira o faro do abysmo e empina-se; investindo para a cachoeira que a interrompe, a cachoeira a roda do alto e a despedaça na quéda.

Araguassú, o catechumeno, o nadador das correntezas, mergulha e salva os naufragos...

Anchieta, sentado no fundo do rio, lê o *Officio de Nossa Senhora.*

XXVI

LAGRIMA DA NATUREZA

Anchieta é morto. Os prantos dos indios atordoam os ares do Espirito Santo. A voz dos prégadores das tribus repete aos quatro ventos as legendas do missionario.

O seu caixão é de madeira de Reritiba, de sua querida aldeia, com as suas mattas consagradas

pelos seus cantos e divinisadas por suas obras sublimes.

Carregado por selvagens robustos, o grande finado é conduzido á capella de S. Thiago, á villa que o espera a quinze leguas de distancia, com as suas pompas funebres, com as suas orações lustraes.

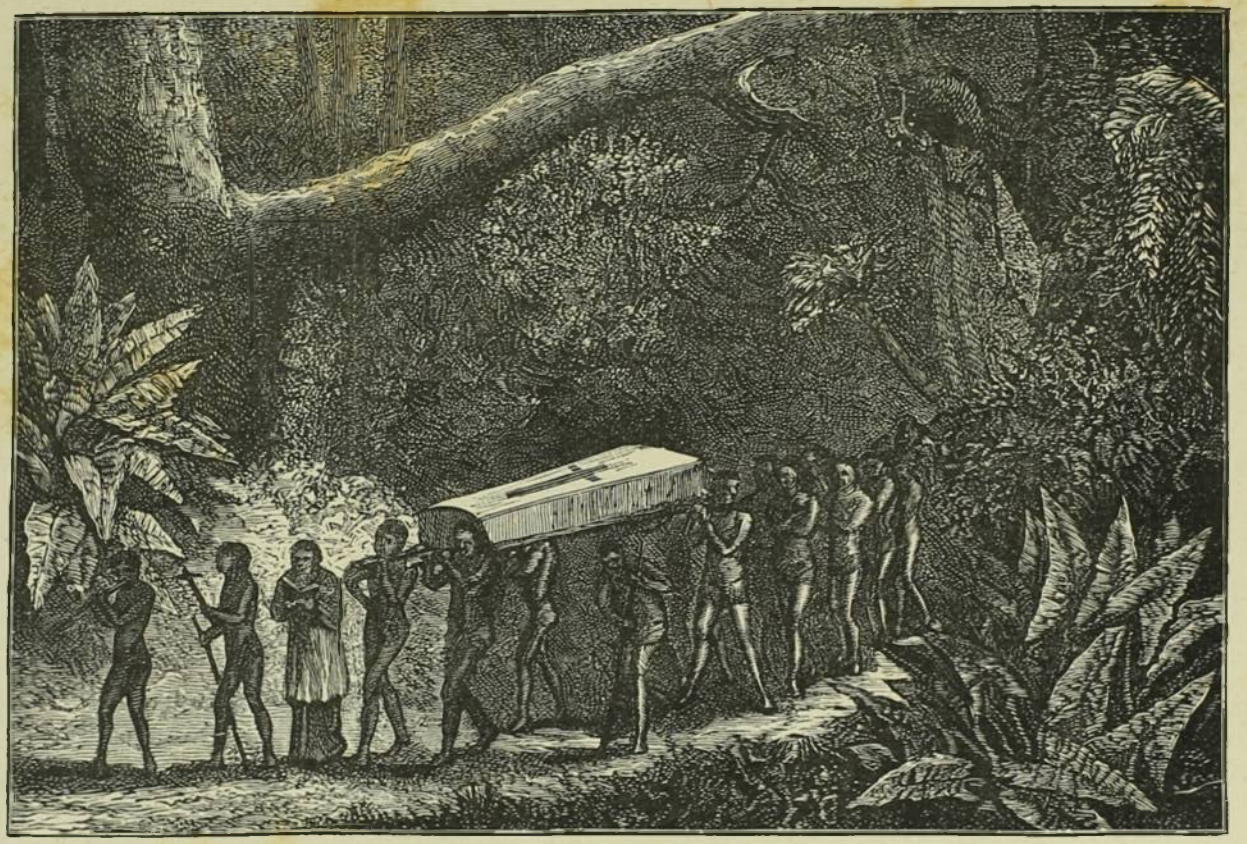
O padre João Fernandes, precedendo o feretro, transpõe matagaes e valles, rios e serras. Ao *De profundis* a araponga dobra no carrilhão das florestas, e as montanhas tocam no orgão dos echos o funeral das missões.

Os caboclos, listrados de preto, lanhados com dente de cutia, em signal de dôr, caminham cabisbaixos e soturnos.

As mulheres e as crianças abandonam as malocas.

Os velhos guerreiros, cujo braço já é fraco para levantar o arco, terminam o cortejo, mastigando no queixo tremulo uma phrase de afflicção, humedecida por lagrimas jamais choradas.

Na escuridão da floresta os archotes do acompanhamento colleam como uma enorme serpente de fogo desenrolada de cima dos montes.



O ENTERRO VAE AO PORTO DA VILLA

Nas clareiras, ás fogueiras vermelhas, os alaridos espavorizam as aves, que esbarram tontas pelas frondes tortuosas, e umas figuras sinistras, mas consternadas, arrancam os cabellos negros com que vestem de luto a alma desolada.

Os prégadores gateados, na linguagem de sua raça, e as carpideiras das selvas, narram-lhe os feitos e enchem o vacuo de seus gemidos e magoas.

O dique estagnado e limoso exhala o odor da intermittente. Esta febre é filha da deslealdade do ar que se ceva do cadaver das lagôas—o pantano.

Quando ella domina sob o seu docel de miasmas, tirita ao rigor de todos os invernos, queima ao calor de todos os verões. Seu sangue é dyscrasico, seus membros edemaciados, seus tegumentos lividos como a cal.

O dique lá está, com suas aguas esverdeadas, com as suas fervuras borbulhantes.

Um jacaré, crescendo á tona, pestaneja, escancara a boca e as maxilas de ferro, e desfaz-se no váo.

O enterro va e ao Porto da Villa.

As encommendações do padre, os córos e soluços dos selvagens, povoam por tres noites e tres dias aquelle itinerario de agonias.

No dique, uma empola se move e anda...

Um caboclo opilado approxima-se da pedra que resvala á borda, arreganha uns dedos inchados, firma-se e trepa n'essa especie de ponte escorregadia.

O abdomen preenche-lhe o espaço das pernas encruzadas, do dorso escorre-lhe ao pino do sol tenue camada de limo, escora-se n'uns pulsos grossos e infiltrados...

Não era um homem...

Dir-se-ia um sapo de cobre e de azinhavre.

Aquella monstruosidade chorava!

XXVII

PATRIA SELVAGEM

Anchieta é o vulto que mais soberanamente representa as missões do sul.

Com este missionario estupendo e o maior dos nossos poetas coloniaes, a Fé transportou-se dos nossos climas com seu calix purissimo, e a Caridade levou comsigo seus adoptivos filhinhos.

Das enormidades calmas de seu espirito, conjecturando que seriamos uma nação tupica, sahiu a poesia dos Tamoyos, que não a tinham, no meio das lianas coloridas da palavra americana.

Qual sua patria?

Depois do céo — o Brazil.

É Simão de Vasconcellos quem falla :

« É justo que se saiba esta fortuna boa que teve o Brazil; é que estas ilhas Canarias, segundo a descripção geographica dos mais peritos, nem pertencem á Europa, nem á Africa, nem á Asia : e conseguintemente pertencem ao mundo novo da America.

« Com razão logo coube a esta região este principal fructo seu; e a communicar ao mundo seu valor e estima. »

XXVIII

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

XXIX

O ESTADO DO MARANHÃO

A luz do zodiaco estira-se verticalmente na zona dos tropicos. Como milhões de insectos arquejantes, as esplendidas estrellas cravejam tremulas os firmamentos bilateraes.

O clarão côr de rosa desse alfange diaphano alumia os passos dos excursionarios na caçada de indios, a fronte dos prisioneiros captivos e resgates, guiados pelo padre Francisco Gonçalves, o jesuita cruel e perfido.

Escravisados, tomadas as suas terras por Christo e para Christo, a titulo de justas guerras, os incolas bravios atravessam nas canôas da escravidão o Amazonas e o Rio Negro...

E aquella cascata do fogo diffunde sereno luar sobre os assassinos de um povo, na physionomia macilenta e ambiciosa do jesuita Velloso e de uma legião barbara, ao despertar do captiveiro.

De capitania em capitania, os missionarios da morte examinam os escravos indios, escolhendo os que caberiam á Companhia, estipulando o preço das *peças* aos compradores colonos, distribuindo com os soldados e pobres o excesso das entradas nos sertões.

Opulentando-se o commercio do crime, que importaria a perda da liberdade, as agonias torturantes de tantas nações assassinadas, aprisionadas?

E a luz do zodiaco palheta as espumas que desabrocham ao deslisar das montarias dos livres no salto das cachoeiras e no quieto dos igarapés dormentes... E elles navegam com as crenças fantasiosas de suas malocas, com os fetiches dilectos de seus lares.

Para os indios do Alto Amazonas o *tajá* (tinho-

rão) é o fetiche das pescarias, a divindade tutelar das pescas miraculosas.

De pé, tendo na prôa de seus bateis o *tajá*, aninham sob suas largas folhas ao relento as suas illusões, e as esperanças lhes cantam n'alma como uma porção de passaros as alvoradas das mattas.

As entradas, entretanto, profanam o sagrado das florestas; e nas fontes vivas do Evangelho as tribus bebem a traição e a morte.

Da immobilidade daquella luz desce o clarão até á terra, e naquella transparencia esbranquiçada as estrellas desmaiam imperceptiveis.

Aos lados rutilam as demais : eram as abelhas de ouro daquella colméa de saphira, insondavel e arrebatadora!

XXX

O PARICÁ

O velho *pagé* das margens do Tocantins, os estupendos feiticeiros do valle do Amazonas, vivem na intimidade com os seus genios, com os

espiritos patronos ou perseguidores de suas aldeias.

Na magestade excelsa das florestas virgens elles os invocam nas solemnidades das cabanas ou sob os arvoredos copados e inflexiveis.

Ao prestigio de seus filtros, á poeira de suas drogas, ao cabalismo de seu ritual grosseiro, os selvagens que os consultam sonham sonhos lubricos, transportam-se a mundos sobrenaturaes, em que folgam triumphantes nas ceremonias anthropophagas.

O velho *pagé* conhece o uso das plantas e seu emprego : é feiticeiro e medico. Cura as tristezas innatas do coração gentio, as doenças que desarmam o braço dos guerreiros na paralysia das igaçabas.

O *paricá* tem a virtude secreta de acções magicas, de produzir sensações agradaveis, desejos voluptuosos.

O indio que fuma em seu cachimbo de barro e de bambú dessa fava triturada remonta-se a uma esphera ideal, a uma phosphorescencia activissima do espirito, circumdado de apparições felizes.

O *paricá* é para as tribus do alto norte o que o *petum* é para as do sul, o *pango* para os miseráveis africanos no exilio, o *hatchisch* para as populações do Oriente.

Applicado, porém, pelo *pagé*, cura molestias, produzindo somno profundo, longo, estertoroso, o que differe de sua attenuação como substancia originaria do gozo e raras vezes de tristeza, misturada ou não, como no caso acima, de movimentos expansivos e sensuaes, quando administrado pelo proprio individuo.

Transformado pela imaginação infantil dos filhos do deserto em genio secundario, em individualidade prophetica, o feiticeiro barbaro opera prodigios nas suas insufflações aos enfermos.

Divinisada a sua arte, elle a exerce na confiança de seu poderio; e os alarmantes phenomenos pathologicos melhoram ou cedem á influencia de seus passes magneticos, ou ao seu sopro no paciente.

No templo eterno da natureza, o *pagé* convoca os guerreiros da tribu; os doentes apoiados ao seu bordão de romagem vêm de remotas aldeias consultal-o.

Sentado no cepo que lhe serve de solio nas festividades assombrosas, implora o Grande Espirito e murmura absorto uma prece mysteriosa.

A assembléa o reverencia nas suas penetrações subtís, nas suas previsões extaticas.

O doente adianta-se alquebrado, reflexiona sobre seus padecimentos e ajoelha-se aos pés do sacerdote, que, por um duplo conducto de ossos curvos, introduzidas as extremidades nas fossas nasaes, insuffla-lhe da boca o pó do *paricá*.

O enfermo estrebuxa suffocado, dorme, por um ou mais dias, frio e inanimado.

Ao surprehendente de suas orações, á influencia de seus conhecimentos occultos, cream a reputação de feiticeiros, entre as nações ignorantes e selvagens.

São-lhes attribuidos poderes extraordinarios, não só sobre o homem, como sobre os elementos.

Para o *pagé*, o depositario dos segredos de curar os doentes, por isso que tem as formulas especiaes de evocar espiritos que presidem ás funcções de cada membro do corpo, o *paricá* é o ingrediente particular aos seus usos supersticiosos.

XXXI

A MISSÃO DE YBIAPABA

A serra de Ybiapaba levanta-se nos sertões das praias do Camucin como uma tropa de camellos petrificados.

Seu corpo tem mais de quarenta leguas, e suas sinuosidades descem e remontam acima das nuvens; e nas mais altas o indio sente vertigens, baixando a vista aos nevoeiros em fórma de genuflexorios, que se dissipam lentamente

Ahi os Tapuias armam as redes, adextram-se no arco, refugiam-se das *bandeiras*.

Nessa população de rochedos o veado finca as patas na crista do granito, empina-se e afunda-se nas mattas. O indigena caça o lagarto, esfola a cobra e a assa no espeto.

A serra de Ybiapaba é a corrente da escravidão dos indios, corrente que tem como cadeado a ilha de Marajó, com seus rios e florestas, com seus esconderijos e valles reconditos.

E por mais de trezentas leguas de costa dilata-se o Estado do Maranhão, e as primeiras patrulhas tonsuradas do padre Antonio Vieira rondam em volta das aldeias, á pista de escravos e resgates.

Sim, o aventuroso e fatuo jesuita quizera que a escravidão dos incolas tivesse uma só fronte para sugar-lhe todo o suor, e um só gemido para amordaçal-o de vez e para sempre.

O superior das missões do Maranhão exulta com o vandalismo do padre Francisco Gonçalves, propõe a paz e declara a guerra, falla nas aguas do baptismo e atêa as chammas do incendio, proclama a liberdade e o seu apostolado é o da escravidão.

Antonio Vieira escreve ao rei de Portugal :

« O resgate se fez para que os interesses delle coubessem a todos, e particularmente aos pobres, que sempre, como é costume, eram os menos lembrados. »

Quando elle terminou a carta, a ultima estrella apagou-se no horizonte, mas seus raios eram vermelhos como o sangue das victimas.

Entre as hordas colonistas e as hordas sacri-

legas, o pleito das ambições rastejava infimo. O governador e o jesuita fitavam-se com desconfiança.

Uns ais dolorosos, o alarido do desespero, o tumultuar lugubre dos captivos, casavam-se pavorosamente ás impetuosidades lamentosas dos rios caudaes e ao rugido das onças nas solidões amplissimas.

XXXII

EM MARCHA

Na profundez morna da folhagem a familia aborigene viaja.

Os homens levam o jacaré morto, a farinha, os cocos e as armas.

O pello do porco do matto, o contra-veneno das mordeduras de cobras, elles o possuem, ligam ao corpo, com convicções hereditarias, com reverencia inaudita.

Ás tribus alliadas as veredas são faceis, as pousadas serenas.

As cortezias ficticias, as saudações convencionaes elles não conhecem, se, em marcha, o acaso lhes offerece na mesma direcção o encontro de conterraneos quaesquer.

As crianças acceleram-se, pela mão dos moços e anciãos; e as mulheres que carregam os filhinhos ás costas, os sentam em uma cinta feita de trançado de cascas de arvores, de fórma oval, passada na testa.

E vencem brejaes e ribanceiras, leguas interminas.

Não prescindem do fogo. Apagando-se, ao attrito de páos seccos o accendem e com tições viajam á noite.

Proseguem...

Animaes bravios são presentidos, ondulando a cauda felpuda.

Do centro da familia indiana, duas flechas varam a abobada verdejante, varam a nuvem e, na vertical fulminante, embebem-lhes a morte n'um silencio funebre, instantaneo.

O caboclo os avista; a um alteia á espadua, mas outro ensanguenta o chão de coagulos friaveis e deixa-o.

Nas selvas amigas, de lugares infestados, era o aviso dos selvagens aos outros selvagens !

XXXIII

NHEENGAHYBAS

A ilha de Marajó, na boca do Amazonas, é como a fauce carniceira do jaguar ameaçando a presa.

Os Nheengahybas, ou indios de varias nações, a habitam, alimentando guerra não interrompida aos portuguezes.

As suas canôas armadas sulcam as duas partes das entradas do rio, e a sombra dos arcos entesados pela guarnição gentia paira nas aguas como uma ameaça continua e imminente.

A morte e o roubo dos piratas amazonicos lançam entraves á segurança dos conquistadores, que outr'ora os captivaram em nome da paz e de Deus.

O mensageiro de Antonio Vieira negocia de

novo com os selvicolas, e a 15 de Agosto de 1659 o Grande Padre é recebido no rio Macapá pelos principaes dos Tupinambás e chefes nheengahybas.

O nefando tribunal dos julgamentos dos captiveiros licitos ia funccionar mais impiedoso.

Sigamos os missionarios.

XXXIV

NOSTALGIA

A lua é uma hostia de ambar. A semelhança do oleo que se extravasa da lampada das missões, ella derrama no ether claridade piedosa e brilhante.

As montanhas isolam-se no aereo da planimetria, as florestas embalam-se nas redes da luz; os lagos fulgem alvacentos, encrespados pelas auras, tepidos e crystalinos.

Nas aldêas gentilicas as cabanas sem arte farfalham ao luar as cimeiras douradas; e os cabo-

clos na portada repetem a esmo palavras sem nexo, á cadencia de rythmo invariavel, uniforme.

Os cactus de bronze, como candelabros antigos, abrem aos orvalhos os seus globos de porcellana e pingentes d'ouro, e saturam de fragrancias o ambiente.

As parasitas e as lianas dissipam legados de aromas, thesouros de odores delicados e fortes.

Aos deslumbramentos da natureza, aos esplendores equatoriaes, ao encantamento dessas noites feericas, o indigena sente-se humilde e pequeno; e um sentimento vago de pesadumes, uma melancolia morbida envolve-lhe o pensamento e verte-lhe n'alma todas as tristezas da terra.

A nostalgia da tribu, do deserto, do derradeiro adeus, de uma caçada, de um festim canibal, de um sitio agreste, etc., aperta-lhe com tanto rigor o coração que, assentado na montanha silenciosa ou na restinga verde-negra, nas mattas insolitas ou nos descampados, o seu olhar é amortecido e embebido no céo como quem falla com o passado, ou procura na musica a expansão á saudade que o atormenta.

Esta insania entre os indios é epidemica. Se

elles se conservam em seu paiz e em suas florestas livres, a phase inicial se patentêa, isto é, o periodo contemplativo que vai até ao extasis, o depressivo, que se manifesta com o auxilio de instrumentos sonoros.

Nos aldeamentos dos catechistas, esses infelizes bruscamente arrancados de seu viver primitivo exaltam-se, e a tristeza de que se reveste essa nevrose póde degenerar em perturbações compromettedoras, em loucura furiosa, e terminar pela morte.

Não ouvis uns accórdes plangentes que voam á immensidade como um redomoinho de anjos em busca do infinito?

Não vedes umas figuras bronzeadas, em cujos braços carrectos descansa uma cuia, pendendo a cabeça, e desatarem-se do liquido, que parece fervente, harmonias ineffaveis?

Ás margens do Amazonas e Tocantins, do Rio Negro e Tapajoz, das lagôas e nas bacias das cachoeiras, não notais ao luar os selvagens de bruços, descendo as mãos n'agua?

Pois bem: é o *memby-chué* que elles mergulham tocando, para que as suas vozes sejam

mais sentidas; é a *gaita de choro* que soluça nas solidões bravas ao sopro do gentio, ás cruezas de suas emoções pungitivas.

E como geme a selva ás saudades de seus filhos! Como são pezarosos os ermos ás melodias incultas que tange a America na intimidade de sua generosa fraqueza!

A lua é uma hostia de ambar. Á semelhança do oleo que se extravasa da lampada das missões, ella derrama no ether claridade piedosa e brilhante.

XXXV

A NATUREZA E A VIDA

O autochthone, no recesso de seus carnaúbaes e seringueiras, conserva suas fabulas religiosas de senso obscuro.

Nos sertões vastissimos as cabanas entretêm os costumes e crenças de seu viver autonomo, de sua comprehensão singela.

As calamidades attribuidas a máos espiritos

alentam ficções populares : a anta, o ouriço-caixeiro e alguns passaros, pairam nos dominios de seus dogmas como annunciadores de novas, directa ou indirectamente portadores de maleficios e auguros.

As mães cabildas educam a descendencia sob a extensão de suas superstições; o cacíque persuade-se de conclusões definitivas, o que toda a aldeia aceita, consagrando culto dulico e completo.

Os phenomenos meteorologicos, em sua civilisação primordial, indicam lutas de seres theologicos, notavelmente os eclipses que, quando os observam, as tribus entendem apartar os dous genios, fazendo grande barulho, tocando instrumentos, gritando, etc.

O exito das emprezas, a sorte das guerras, dependem, a seu ver, de influencias desconhecidas.

Ao fluxo catamenial, ou menstruação, as nações amazonicas filiam abusões publicas e associam á este acto physiologico idéas extravagantes.

Á gravidez o indio prende outras especulações puerís. D'ahi a crença de que as ubás e canôas, trabalhadas por homem cuja mulher se ache em

gestação ou quéda do ovulo, sahem mal feitas, porque o azeite de andiroba falha, ou então naufragam.

O parto da gentía é seguido do repouso e dieta do marido, que se deita na rede das malocas. Ella banha-se no rio com o recem-nascido, cuida da louvoura, amamenta, moquêa o lagarto para a alimentação.

O pae lá está, de resguardo puerperal, no balanço da maquira; e para fazer despontar o amor paterno, deita o filhinho na dobra do cotovelo e recebe as visitas e comprimentos.

A criança toma o nome das aves, dos rios, das pedras, de qualquer ser animado ou inanimado...

É o sol nascente da constituição da familia!

XXXVI

TARTARUGAS

Á formosura do luar as aguas do Amazonas e Tocantins achamalotam-se; as ilhas sem numero penduram de sua vegetação resplandecente som-

bras interrompidas no arrepio das ondas, como pelles de onças mosqueadas.

Os igarapés sulcam os valles, e as tartarugas de Novembro enviam suas espias ás arêas luminosas e furam nas praias os ninhos em que desovam.

As vigias percorrem de alto a baixo o berço que criará a prole; e no silencio da redondeza *a mãe das tartarugas* traça com o cortante do casco branco os limites do taboleiro, o lugar onde a primeira tem de depositar os ovos, que se desenvolverão ao sopro do vento de leste e ás irradiações de Dezembro.

A deshoras os coboclos ariscos espreitam das cercas defensivas a multidão que sahe dos rios, emmolduram-se distinctos entre os troncos das palmeiras, inclinam-se dos galhos dos mattos, ao transparente dos fogos da lua, que pratea-lhes a face tatuada...

As tartaruguinhas descem em cardumes aos rios e voltam... Os caboclos anceiam pelo tempo da *viração* e retornam, pé ante pé, apalpando um garrancho, uma escuridão que se dissipa, um espinhal que os estorva.

Antes do dia, quando a quietação é mais algente e o luar mais rútilo, ellas alcançam as covas.

E as tartarugas carregam os cascos refulgentes como metaes que raiam.

De madrugada, as que erraram o ninho erram sem tino; uma das maiores, resplandecente como o retrato da lua, desappareceu.

Algum corpo rebentou nos rochedos...

Uma ave de rapina, abatendo-se das nuvens, empoleira-se junto á que lhe cahira das garras, levanta as azas, e piando a dilacera.

XXXVII

A FESTA DAS RECOMPENSAS

Á esquerda do Tapajoz as cabanas dos Mundurucús estreitam-se, afastam-se; as cabeças dos vencidos as enfeitam exteriormente.

Mais de dez desses trophéos mumificados, no topo dos postes, assignalam as habitações dos chefes; dos chefes ferozes, armados do *cuidarú*

A FESTA DAS RECOMPENSAS.

invulnerado e do arco em que reside a morte.

No quartel de tres compartimentos, debaixo da arvore enorme e senil, os clarins convocam desde o romper da manhã os soldados da tribu para a festa dos Cinco Annos e a recompensa do *pariuá-te-ran; o pariuá-á* ia distinguir os que morreram vencendo e os que venceram combatendo.

As familias acham-se presentes á festa de guerra; o exercito enfileira-se, e cada combatente hastêa uma cabeça inimiga, enfumaçada e unctuosa de embalsamento recente.

O tuchaua, no centro do terreiro, desdobra ufano a faxa de algodão entremeiada de dentes dos contrarios, as insignias compensadoras de glorias preteritas e posthumas.

A triplice divisão da tribu, predominando em cada uma dellas adornos amarellos, pretos ou brancos, faz-se representar na ceremonia compensadora dos feitos illustres de seus bravos, na recompensa ás viuvas dos batalhadores.

As trompas, os maracás, as flautas e os tamborins, soam febricitantes ás acclamações enthusiasticas e unisonas, aos bailados populosos e celeres.

O sceptro do tuchaua, com plumas cambiantes e novissimas, agita-se aos seus movimentos graduados : e na cestinha atada ás pontas do seu tiracolo irisado os insectos zumbem, os passarinhos pipilam, esvoaçam, doudejam.

Os chefes proclamam a vingança; as lôas desse exercito gateado partem de labios embutidos de desenhos em mosaico, com as vibrações calorosas de animos indomitos.

A tribu victoría, proclama o vencedor, ao receber o *pariuá-á* do tuchaua, que significa a divida contrahida pela aldeia em seu favor; e á viuva do guerreiro que morreu em desaggravo dos brios tradicionaes, desgrenhada e pallida, esbelta e núa, cinge á cintura o chefe dos chefes o *pariuá-á*, a faxa tecida de algodão e franjada de incisivos dos belligerantes, que succumbiram no travar das pelejas inclitas.

E por todas as quédas de folhas e todas as voltas de flôres ella terá o cauim das malocas, e participará das refeições nas cabanas dos seus.

Os Mundurucús dansam, as familias abrigam-se á synergia da paz, e a felicidade sorri nos regosijos nacionaes.

As cantigas prorompem...

Como a corça que se escapa a tropeis approximativos, atemorisada e offegante, uma pobre indiana, libertando-se da espessura, atira-se no chão do terreiro, ensanguentada como o crime, immovel como o cadaver.

O missionario, que a perseguia, parou...

A tropa dos jeusitas pôz cerco aos pretendidos resgates.

O pranto na face do homem civilisado abala e commove; nos olhos do selvagem tortura e queima.

A festa de guerra metamorphosêa-se nas exequias do captiveiro.

Os Mundurucús, vilipendiados, mas silenciosos, atravez das lagrimas contemplam o céo da liberdade como uma abobada de ferro em braza.

A junta presidida pelo padre Antonio Vieira atraiçôa o Evangelho e converte o templo em mercado.

Os prisioneiros, escoltados, caminham tardos pela matta escura e marginam os rios da escravidão.

XXXVIII

A VINGANÇA DO ABYSMO

As serras dos Pacajás lá estão, com suas arvores do cravo, com suas nações, com seus rochedos ingremes.

A *jornada do ouro*, a entrada que haviam projectado os mineiros e soldados, tinha por pretexto a exploração dos veios auriferos e como objectivo a espoliação dos liberrimos indios.

Nas suas ócas tranquillas derrama-se o assombro : o incendio e a devastação os tomam de emboscada nas suas penedias, nos seus reductos de páo a pique.

O padre João de Souto Maior acompanha de perto os expedicionarios e catechisa; cura enfermos e rende de improviso — como se isso fosse possivel — á fé e á vassalagem portugueza os gentios daquella caçada ferocissima.

O celebre jesuita, assenhoreando-se das glorias daquella entrada, estende as vistas ás aldeias dos

Pirapés, e marcha impavido pelos sertões e pincaros altaneiros.

Aquella figura magra e vestida de preto pendura-se das eminencias como o fantasma de uma raça, como a maldição de um povo.

O jesuita Souto Maior desce a montanha. Em baixo o abysmo o fascina com as suas attracções, com o seu magnetismo irresistivel.

Os quatrocentos Pacajás, maniatados, as mães carregando os filhinhos, as donzellas açoutadas pelos bandeirantes, lá vão em demanda dos arraiaes da igreja e do rei.

O padre, medindo a voragem, horripila-se...

Na ponta do rochedo a vertigem anemia-lhe o cerebro, os olhos se escurecem, e como que repellindo uma apparição do inferno, a escora com os braços n'um movimento tonico, e um grito de terror escancara-lhe a boca, reboando rouco.

O rochedo, agarrando-o de suas alturas, o precipita esperneando pelas anfractuosidades escalvadas...

A expedição dos Pacajás, inaugurada pela avidez do ouro, teve por desenlace a fome e o exterminio!

XXXIX

A MORTE DO PRISIONEIRO

Para o indio prisioneiro a morte não tinha fementidas caricias, nem era uma sombra que, cavalgando as muralhas do tumulo, desdobra escuridões e mais escuridões no derradeiro marco da vida.

A idéa da mulher da ultima noite, daquella que daria ás selvas o *marabá* infeliz, não lhe empanava os dias côr de rosa do passado, nem lhe transportava a saudade para além das *montanhas azues*.

Escapo da sepultura aberta sob a rede da cabana, sem preoccupações de lhe embalsamarem o cadaver no deposito das igaçabas e urnas funerarias dos aterros sepulchraes, o prisioneiro de guerra guinchava pinoteando e cantava lôas estridulas ás alvoradas das horas fataes.

Por tres annos confiado á guarda de velhas

crueis, cevado para o festim de guerra, retido pelas cordas de algodão retezadas e asperas, lá na sua óca de palmas, acocorava-se pintado de branco, grudado de pennugens amarellas e malhado de tinturas de genipapo, anhelando o instante em que seu corpo de bravo teria por jazida o estomago dos vencedores.

O matador, com seus adereços de dentes, com seus trajes magnificos, com sua espada de páo, curta e pesada, illuminada de bordaduras, e com seu diadema de plumas escarlates e pretas, encaminhava-se e a tribu ao aposento da victima.

E o prisioneiro se honra das pompas excepcionaes e lança-se ao rio, que o purifica com as suas aguas...

Com os cabellos em desordem, braços unidos ao corpo, e as cordas enroladas ao pescoço nedio, sacode-se um momento e exalta-se no baile de guerra : assovia, debate-se, recúa, avança, atira fructas á multidão.

A turba persegue-o no transito; o matador o sustem nos riachos, banhados e monticulos, nos brejos e capoeiras intrincadas.

Os passaros gorgeiam, as cascatas enchem os bosques de poeira d'agua e de estouros que se propagam.

No terreiro desbravado e limpo as Tapuias sapatêam, peneiram as fórmas bonitas, cantam cantos barbaros; os caboclos envergam cocares lustrosos, braceletes e cintas de despojos das aves.

Os velhos e as matronas, junto do missionario que vai assistir á festa, agrupam-se pasmados.

Aqui e alli, os magarefes com suas faces de taquara, a lenha para a fogueira do moquem, os galardoados da tribu que se disputam os pedaços mais exquisitos.

Transbordando de caium, os potes de barro cozido, esculpidos com esmero, encostam-se ás arvores floridas...

Os selvagens, sahindo dos bailados, afundam nelles a cuia, inclinam-se á superficie e, suspendendo a face, apoiam nos dentes essas taças que emborcam, esgotando-as.

A turba respeita o *abaré* das aldeias de Tupan, o padre encanecido e austero.

O prisioneiro, investindo contra o seu algoz, este lhe descarrega no craneo um golpe, cujo

som confunde-se com o baque do corpo que morde a poeira.

E phrases baptismaes voam ás alturas...

O missionario, contrahindo na dextra alva o lenço encharcado, borrifa-lhe a fronte selvagem nas crispações pallidas da agonia.

O sol, no declinio, vai afogueado como uma cathedral em chammas...

O lenço ensopado d'agua desfaz-se em orvalhos de luz!

O banquete canibal começa...

XL

O PADRE ANTONIO VIEIRA

O padre Antonio Vieira, o superior illustre das missões do grande Estado do Maranhão, distribuia a legião sagrada sob seu commando, com a energia de uma vontade despotica e com as intuições irresistiveis do renome.

Apparatoso nas narrações de suas excursões

como em seus ornamentados discursos, o primoroso artista precisava dos grandes scenarios para a exhibição de seus feitos.

Na serra de Ybiapaba e na ilha dos Nheengahybas dilatava-se-lhe a conquista, até onde ia sua palavra ardente e impetuosa, o seu vulto imponente pelas soberanias do prestigio e do talento.

O apostolo do norte era o missionario que perdia-se nas selvas em busca dos palacios, e rezava o breviario depois de escrever ao governador e ao rei.

Encarecia suas fadigas, denunciava os riscos de suas entradas nos sertões; e como um bom soldado, ou um general que traça os planos de batalha e menciona o successo dos exercitos, Vieira, depois do combate, contava com as menções ruidosas de sua fé de officio.

Recorra-se ás suas cartas, ás suas peças de orador eminente, ás decisões das juntas e ao formulario das leis de captiveiro e resgates, e a vaidade de seu caracter versatil e as correntes da escravidão, que elle e os seus sequazes levaram ás tribus brazilicas, surgirão de cada uma dessas

laudas como uma maldição de dentro de um tumulo.

Antonio Vieira jámais fôra um espirito religioso e evangelisador; era um aristocrata de roupeta, um homem de Estado, sagaz e habilissimo.

As suas missões do Tocantins, Amazonas e Rio Negro, as concepções estrategicas de ataque ás aldeias pelos seus expedicionarios, as prisões ou depositos de escravos indios na povoação de Caiçara, concorreram para os odios levantados contra a Companhia, e accentuam o perfil do missionario que, desde a sua primeira entrada nas mattas, trouxera á igreja e aos colonos trezentos selvagens — legitimamente captivos.

XLI

O BAILE INDIANO

É a festa do Natal. Nas fazendas dos padres as senzalas se esquecem do captiveiro, os *anjinhos* não roxeam os pollegares do indio, e a vergasta

ficou por instantes suspensa sobre seu dorso de livres.

O que permanecia no tronco permaneceria ainda, pois que o escravo deve a consciencia ao senhor, e a cadêa que lhe prende o pensamento a uma vontade que não a sua prende-lhe o corpo á gleba.

Ás fogueiras acesas, as habitações dos escravos mostram-se francas, os indios de todas as tribus agglomeram-se para os bailados da missão.

O jesuita passeia ao largo, mira de soslaio as casas dos catechumenos.

O menestrel indiano, com sua flauta de taboca, sae á frente, fórma-se a roda para as dansas, que circumscrevem-se a passadas regulares, de diante para trás, dos pares selvagens, isso acompanhado de tambores e gritos.

Variando, porém, o classico do divertimento, dansantes ha que trazem guizos aos pés, e outros pequenos páos que agitam em pancadas reciprocas; e os velhos agachados aos cantos deliciam-se sob uma cupola de castanholas.

O cauím e a aguardente são distribuidos convenientemente aos da assembléa.

O manestrel susta os dansados, abraça um dos companheiros e, preludiando na sua gaita de cinco palmos, dá vira-voltas, ao sapateado geral, á vozeria rude dos circumstantes.

XLII

OS CORSARIOS VERMELHOS

No escuro das sombras os missionarios praticam as nações impersistentes, sem cabanas e sem povoados.

Os Muras e os Gurupás bordejam nas suas canôas de piratas ao longo do Tapajoz e saqueam as fazendas dos portuguezes.

Os canoeiros illudem a vigilancia das tropas sertanistas, mergulham suas canôinhas no Amazonas, e surdem com ellas, a milhas perdidas, em zombarias e apupadas aos inimigos, inexpertos e burlados.

A pilhagem dos comedores de gente alvoroça e agrilhoa o medo esteril nos centros fecundos e

acoroçôa as emboscadas dos Jaguains formidaveis, no encalço dos nomades ribeirinhos.

É noite...

Ao calafrio da aragem que abaixa por igual as frisas das arvores inabalaveis, a floresta é a onça negra que abre as palpebras nas fogueiras indigenas que se lobrigam na extrema, e tem por presa, atravessada ás maxillas, o granito pendente das cachoeiras espumosas e irrequietas.

Os Muras e Gurupás pernoitam nas tócas, nas ramas vetustas, ou beiram as vizinhanças das aldeias.

Um archote arruiva-se...

Na garganta de uma furna, um homem vermelho tem diante de si um cadaver chacinado... Sentado, os braços arqueados, enterra as unhas aduncas na cavidade esburacada... O sangue rutila-lhe no queixo e desfia-se em gottas sobre a pelle encoscorada da victima.

Um fructo maduro, despegando-se da sapucaia, desceu zunindo e cahiu com estrondo.

O Gurupá sobresalta-se...

Convulso como um possesso, enraivecido como um demonio, range os dentes que se entrechocam,

calca-lhe mais os dedos nervosos nas entranhas, arregaça a ferida e some rosnando a boca de bronze n'aquelle pasto esqualido e féro.

A luz do archote, batendo de chapa, esclarecia uma testa esbatida e estreita e duas pupillas inertes que olhavam raso a horizontal do thorax do morto!

XLIII

CEREMONIAS FUNEBRES

A nação dos Mamangás toma para as bandas do Yapurá. Indios cheios de sentimento e nostalgicos pranteam a morte do chefe e transportam o cadaver á montanha que se mira no rio.

A igaçaba fabricada de cinzas e de barro, desde que o guerreiro não póde mais empunhar o kuraby, desde que as aragens da morte esfriam-lhe o animo e lhe catalepsiam os membros, ali se acha, untada de resinas de almecega, alastrada de flôres colhidas pelas mulheres da tribu.

Alguns d'esses nomades moqueam e preparam

os alimentos para a jornada do tumulo, as provisões exquisitas de caça para a viagem do ultimo somno.

E para onde irá elle?

Sem culto patrio, sem idéas especulativas, no fetichismo, os selvagens do Brazil crêm na morte como a continuação da vida.

As igaçabas são as sepulturas mais communs ás nações amazonicas.

As urnas de fórmas de jabuty, de configurações differentes, da ilha de Marajó, são depositos rudimentares de cinzas e ossos.

O chefe, carregado pelos seus parentes, lamentado por toda a aldeia, é deposto no jazigo.

Como o caminheiro que, entorpecido das geadas, aquece-se á fogueira do lar, a sua posição é especial : os ante-braços, um sobre outro; os femures rentes ao ventre, e no intermedio das rotulas o queixo descança, mirrado e rigido.

Em volta do cacique mumificado penduram-se as gargalheiras de dentes; no chão da igaçaba a cotía e os peixes, as fructas e o cachimbo do paricá; as armas de guerra e os utensilios do trabalho se acham ao acaso.

Se o viajante acordar e tiver sede, a corrente murmura-lhe aos pés; se tiver fome, encontrará com que mitigal-a; se o inimigo accommettel-o, de prompto lançará mão das suas armas.

Pobres fetichistas!

A eternidade passa e elle não tem fome nem sede; o exterminio campêa por sobre os destroços das raças americanas, e as mumias não se levantam!

A eternidade é o nada!

XLIV

PRIMOGENITOS DA TERRA

Nos sertões e florestas que sombream o Tocantins é a missão do padre Manoel da Motta. Este jesuita, seguidor do imprevisto, dispensava tropas de resgate nas suas entradas, escolta protectora de indios, que o acompanhassem nas suas aventuras.

Não compromettia a fé das missões, não trazia

escravos ás fazendas da Companhia, e não entregava á barbaridade do colono e ao motejo dos soldados portuguezes a gentía timida e o caboclo estupefacto.

Ao pino do dia, á serenidade do céo ao luar, elle divagava pelas vastidões e arêas extensas das praias, á pesquiza curiosa de raças estranhas.

Era antes um explorador scientifico, um *touriste* em viagem, do que um apostolo entre as gentes : habituava-se á convivencia de cada povo e nunca voltou uma pagina do evangelho sellada com o sangue.

Descobriu nas confluencias do Amazonas os estranhissimos Taquanhunas, os Oreoparaz, que se maravilharam de sua sotaina, e lá se foi como uma visão... além... mais além...

Mas onde o conduzem seus insensatos sonhos? Onde o levam suas plantas descalças na trilha accidentada?

— Ás tabas dos Matuzús de pés virados e das fabulosas Amazonas, ás pequenas cabanas dos pygmeus Goajazis, que ali existiam como esboço feito pela natureza de uma raça por vir.

O padre Manoel da Motta distancia-se...

Não vedes aquella grande cidade, onde seis nações autochthones confederam-se, com seus chefes que mandam sobre centenas de arcos e, não obstante, a sua linguagem, usos e costumes differem?

É a cidade dos Guararizes, dos gigantes irrevocaveis e ferozes, com suas malocas descommunaes, com suas redes de tucúm, de dez covados de grandeza.

O missionario nota perturbado as tribus de colossos, as construcções mythicas, e cobra animo...

De repente aquelle povo dispersa-se; uns ganham as mattas, outros galgam as collinas.

Debaixo do alpendre das florestas, o padre Manoel da Motta contempla aquelles pedaços de Hercules, aquelles tóros de Titans americanos, bronzeados pelos clarões dos dias primitivos...

Os Guararizes decrescem por trás dos outeiros.

XLV

PARTIDA DE ESCRAVOS

O vento assovia pelos desfiladeiros, as folhas seccas torvelinham suspensas; o gado, farejando os halitos asphyxiantes da terra, levanta a narina e muge, adivinhando o temporal.

No povoado de Camucin as bandeiras fluctuam dos bambús fincados; as missangas e machados, as facas e retalhos de chita escarlate, estão methodicamente expostos sobre troncos no chão, das anahyhas corpulentas.

Os tambores rufam, as *inubias* ensurdecem; os moradores e os traficantes de carne humana accumulam-se ao annuncio dos prégoeiros.

As *peças* que chegaram e que chegarão reunem os colonos astuciosos, e as especulações do commercio seriam consideraveis e soberbas.

A' mesa tosca, onde se desdobra o glorioso pavilhão luzitano, as autoridades civís reclinam-

se, revendo o registro dos escravos do gentío, e o missionario calcula a respeito da venda, distribuição e exame dos prisioneiros, com as preferencias de nação, sexo, idade, se com filhos ou sem elles.

O povo acode ao mercado, os tamborins repercutem na redondeza, e o governador segreda ao ouvido do jesuita, benevolo e contente.

E o tufão varre a floresta, revira as casas de palha dos selvagens, e arrepia as pennas das emas e colhereiras, no desabrigo dos alagadiços...

Á semelhança de uma aguia de fogo, um relampago, debatendo-se nas nuvens denegridas do horizonte, apruma o collo fulvo e enfia-se no abysmo.

O jaguar esfalfado deita-se sobre o flanco, agita a cauda nas capoeiras crepitantes, espanta-se e bate com a pata o fuzil que o deslumbra.

O missionario e a povoação aguardam avidos as tropas com seus cabos de guerra, os resgates com os seus libertadores...

E os açoutes sibilam, retalhando as espaduas indianas e os ares da patria selvagem. As

imprecações dos chefes, cobardemente arrancados ás suas tribus, o choro da infancia que entrava na existencia pela miseria e pelo captiveiro eram uma orchestra por demais lugubre e ignobil.

O padre Manoel de Souza volta do Amazonas ao Pará, com trezentos Arcuaquis, licitamente escravos.

E grossos pingos d'agua escapam-se do céo, amontoado de sombras esguias como espectros attonitos...

Um trovão, arrebentando uma barreira de trévas, luziu em um corisco e estrugiu pela immensidade.

O padre aterra-se...

Os escravos, enfraquecidos da jornada e assombrados, avançam ao tinido das algemas, aos vergões dos cipós que os ligam, ás vergastadas da soldadesca assassina...

Os inexoraveis traficantes, sem commiseração para com a innocencia e o infortunio, exercem crueldades indefinidas e satanicas.

A dôr, porém, naquelles semblantes taciturnos é silenciosa. As mais das vezes as lagrimas entre as nações barbaras refluem ao coração,

porque a mudez é o caracter mais saliente das dôres profundas.

— Adiante! adiante! brada a escolta.

E a caravana dos escravos vermelhos trota, fugindo ao vendaval que não tarda.

Dardejam os açoutes, os captivos atropellam-se no rastro de lama e de sangue, resvalam e cahem.

— Adiante! adiante!

Como as flammas se cruzam! Como aos berros das féras a chuva desaba sussurrante e torrencial!

XLVI

A PROCISSÃO DE ENDOENÇAS

Nas fazendas dos jesuitas o setim côr de vinho envolve os nichos das igrejas de palma. Do tecto do altar-mór até ao sacrario de ouro as cortinas rôxas subtrahem aos olhos dos catechumenos as imagens sacrosantas.

Dous cirios amarellos, sobre a banqueta do

missal, esclarecem de uma luz mortiça o presbyterio, e a lampada veladora alumia com os seus longos morrões enfumaçados o crucifixo encerrado.

O incenso das ladainhas rescende cheiroso, e a beata e a india repartem os quartos da noite, rezando os officios da quaresma.

A grande serra de Ybiapaba, por occasião da procissão do Enterro, transmuda-se em tudo o que ha de arrebatador e divino.

O religioso cortejo, precedido pelo missionario Manoel de Souza, tem alguma cousa de soberanamente fantastico, de barbaro, mas de piedoso e tocante.

Um Juruna de boca preta leva o guião, equilibra-o, olhando a vertical, tropeça, inclina-se para trás, e desvia o religioso estandarte das ramas das arvores que se lhe antepõem ao trajecto.

Os indigenas, em alas, de cabeça baixa, cantam os hymnos sagrados, com velas acesas; e, findos os versiculos, proseguem n'um silencio inquebrantavel.

As selvagens, núas como elles, mas com ricos ornamentos de pennas, os acompanham após, em

fileiras que terminam no espesso das brenhas.

No centro vai o esquife do Senhor, carregado pelos padres; e, de espaço a espaço, um neophyto destaca-se, coroado de espinhos, com o calix, a esponja, o martello, os cravos e varios instrumentos da Paixão.

Os penitentes bradam misericordia, disciplinam-se a sangue, fanatisados, contrictos.

Os meninos da aldeia, de cruz ás costas, os chefes e velhos guerreiros, sopesando os arcos submissos, medem as passadas, aos compassos dos tambores dos musicos das florestas.

As matracas, batidas, troam... As *Almas do Purgatorio* gemem, choramigam, soltam ais.

Os farricôcos, com capuzes de mascaras, e as tres Marias, gasguiteando aos pulinhos, completam a procissão.

As missões guardam os dias santificados, os jejuns debilitam os aldeados, as caboclas rezam os rosarios de contas, que dedilham sem geito.

Assoma a noite...

Os archotes ardem; como flôres de fogo cahidas das arvores, que se dissera ao longe incendiadas pelos clarões, as suas flammas oscillantes tremulam.

Depois rompe o côro dos padres, dos penitentes, dos indios christianisados, dos caboclinhos em chusma:

CEROBIA CANÇU BETEBO
I NOU BÉGUABO...

XLVII

DEFORMAÇÕES

As tribus deformam-se artificialmente. As deformações de todos os generos collaboram para a ethnologia selvagem, com sulcos profundos, com os especimens das gerações vivas e mortas.

Os casos essencialmente teratologicos, como a hydrocephalia, o sixdigitismo, as monstruosidades em geral, não se observam entre os pelles-vermelhas, porque elles enterram os filhos ao nascer, logo que qualquer vicio de conformação os deforma na vida uterina.

As anomalias physiologicas são excepcionaes.

Os gigantes membrudos e alvos, os pygmeus do Madeira, Amazonas e Rio Negro, perturbam o commum do desenvolvimento do corpo indiano, e nada accrescentam ás investigações de origens.

Atlantides vergados ao frontão das florestas americanas, o jesuita afugentou-os quando avultou com a escravidão, e fôra impossivel reconstruir pela sombra os lineamentos das raças com as suas fórmas exactas.

As tatuagens usuaes, festivas e funerarias, defeituam a pelle do Arára, do Mundurucú, dos Jummas, dos Pammas e da pluralidade das nações gentilicas.

A pressão dos ossos do craneo, a perfuração das cartilagens nasaes e auriculares, deformam tribus, consubstanciam estylos selvagens.

O tembetá e a rodella ornamentam-lhes os labios, adelgaçando os musculos; os dentes de animaes, as pennas, as conchas, as pedras de côres sublimes, atravessando-lhes as orelhas, accentuam no homem americano symetrias e asymetrias.

Os Tarianos trazem pendentes, á moda de brincos de orelha, folhetas de ouro, compradas

aos caboclos Panenuás, horda habitadora das cabeceiras do rio Vaupé.

Os Umahás são delicadissimos de talhe, porque as mães os conservam, desde a primeira infancia, ligados com faixas que lhes apertam o ventre, de sorte que, na puberdade, quando as desatam, o desbarrigamento os deforma.

A mulher Matuzú, com o fim de tornar sua prole invencivel, desarticula lenta e pacientemente os pés dos filhos. Com a luxação assidua e progressiva, a articulação tibio-tarsiana rompe as relações anatomicas e a reducção opera-se no sentido inverso do natural, ficando o calcanhar para a frente. São os Matuzús de pés virados.

Estes indios andam, correm, de rosto para diante e com os pés para trás. A impressão das pégadas no terreno ou na arêa illude o inimigo, que tanto mais perto se julga quanto mais se retira d'elles.

As indias do Madeira têm outro processo de deformar os pés ás crianças : achatam os metacarpos, distendem os ligamentos, espalmam os musculos e todos os tecidos molles, dando-lhes uma configuração palmar.

Ao zenith do sol, pelas estradas e logares descobertos, umas pernas vermelhas afincam-se para o ar, e uns discos de carne amparam os raios que ardem, e resguardam com a sua sombra troncos humanos.

São os Pés de Pato.

XLVIII

OS MIRANHAS

Os Miranhas são canibaes sem chefes, além do da familia, que se basêa no direito de primogenitura.

Caboclos ribeirinhos, estabelecem-se ás margens do Arapá, Metá, Peridá, etc., que desaguam no Jupurá, ou em suas cabanas contiguas, ás cabeceiras do Solimões.

Como distinctivos, furam o nariz e os labios, que atravessam de pennas de papagaio e de arára, confirmando talvez isto pequenas differenciações de tribus.

Os Miranhas renunciam o arco e flecha, cultivam a salsa, e andam em luta aberta com os Umahás de cintura fina, e quando os apanham, amarram-n'os, e lá em suas terras os matam e comem em familia,

As suas armas são a *myrassanga*, que é um páo rigidissimo, de dez palmos, o *cuidarú* — amago de outra especie de madeira, de oito palmos, e o *murucú*, lança ou dardo pontudo, leve, envenenado, que arremessam frente a frente e quebra-se, entrando no tecido muscular.

Povoadores dos centros ou das cabeceiras dos rios caudaes, alimentam-se de caça e não de peixe.

A caçada desses incolas é original; é um dos seus costumes que mais os destacam da pluralidade das tribus vermelhas.

Os Miranhas tecem redes de cordas de tucum, cosem umas ás outras, cercam as mattas em distancias consideraveis: uns ficam de fóra, outros entram com grande estrondo de vozes, de pancadas nas arvores, para espantar a caça.

Acossada pelos caçadores, a presa escapole na fuga; enredada nas malhas fibrosas, é morta a golpes de maça pelos sitiantes.

Indigena de corso, em cada povoação o *trocano* faz-se escutar, com suas pancadas convencionaes, como um brado de alerta, de aldeia para aldeia.

O *trocano* é um instrumento brocado com fogo, de trinta palmos de comprido e quinze de largo; tem a fórma de um coche de engenho; em cima ha dous buracos, e no intervallo delles as sentinellas miranhas batem com um macete de gomma de seringueira, produzindo um som lugubre, que se prolonga por duas leguas nos arredores.

Echoando o *trocano* de uma aldeia e depois deste o de outra e mais outros, as tribus alliadas põem-se a campo...

Os *cuidarús* embatem-se, os *murucús* voam, as *myrassangas* racham-se, os legionarios da morte matam, e o *trocano* trôa...

XLIX

A RELIGIÃO E O ESTADO

As sedições, quando se declaram, têm sempre uma idéa real ou apparentemente justa. O seu

aspecto é um só : a protecção do homem contra o homem, isto é, do governado contra os que governam, do opprimido contra os que opprimem.

Nas grandes sublevações, naquellas que encarnam idéal definido, mas politico, os que morrem chamam-se martyres e os que triumpham heróes.

A commoção popular do Maranhão contra os jesuitas, no governo de D. Pedro de Mello, não attingiu á superioridade de um principio sacrosanto, como o da liberdade e do direito, nem della fizeram parte aquelles por causa de quem os odios disputavam-se tenazmente, como dous gladiadores na arena.

A carta escripta ao bispo do Japão fôra o pretexto dos comicios e dos furores da multidão, dos ajuntamentos armados em frente ao palacio da camara, e da residencia violada dos missionarios no seu collegio.

Os padres, abastecendo-se de indios forros e escravos, o vassallo d'el-rei, a população, clamando pela falta de resgates do gentío, pela carencia de captivos, actuaram como causa determinante da expulsão dos jesuitas, da qual as missivas ao bispo apenas foram predisponentes.

Escoltado por quatro canôas de guerra, o padre Antonio Vieira segue para o Pará, apprehensivo já dos boatos malignos.

A rebellião dos moradores, corajosa pela protecção governamental, vai seguindo ao seu objectivo — os padres da Companhia...

Das grades das prisões e da ermida de S. José, os jesuitas, seguros aos ferros, viam nas ruas a populaça amotinada.

XL

O RIO NEGRO

— Eu embalei a America nas minhas ondas, as tribus com os seus guerreiros, os guerreiros com as suas mulheres, que conduziam os filhinhos somnolentos abraçados ao redor do pescoço.

Estendi-me por sob suas jangadas que vinham do Amazonas e suas canôas de guerra, feitas da casca de uma só arvore. Aos meus arrecifes o caboclo amarrava as suas pirogas.

O meu halito é o nordeste, o meu travesseiro a Popayan, e o meu braço de dez leguas abandonei á esquerda, guiando pelo punho aldeias e gerações.

As minhas cachoeiras, a quarenta leguas da barra, são minhas filhas que enlouqueceram; no delirio furioso ellas gritam toda a noite, bramam e se despedaçam.

Escutando-as, encolhida ao frio dos cachopos, a ave do mar solta lamentos.

Debalde o jangadeiro pavido as procura; quando o remador vai visital-as em sua casa-forte de granito e de limo, ellas rebentam as prisões, o enforcam com seus cabellos de espumas e o sepultam nos vortices sinistros.

As minhas corôas são as serras inaccessiveis, recamadas de malacachetas amarellas, cravejadas de crystaes e pedrarias vermelhas.

Como um tapete de filigrana, laborado no ouro das minhas minas, desenrolei a meu lado o Jupurá, para que as minhas nações viajassem mais faceis á civilisação.

E ellas passavam tocando as suas buzinas, esti-

UMA VISTA DO RIO NEGRO

cando os seus arcos, despedindo as suas flechas e cantando as suas canções de guerra.

Os seus *pagés* fumavam os seus cachimbos á pôpa das montarias; das mulheres tremiam os seios lascivos aos meus beijos alados.

Quando anoitecia, eu era o conviva de todas as cabanas ás minhas margens, de todas as ócas que me circumdavam com o estridor de suas festas.

Á semelhança do hospede que chega á maloca quando a escuridão é profunda e impenetravel, por todo o meu curso eu tinha como pharóes o fogo que cava as embarcações gentías, em labaredas vivissimas e rubras.

Eu era Guriguacurú.

Mas um dia o estrangeiro atraiçoou as minhas vagas e as minhas florestas, os meus climas e mais as minhas solidões... E eu vi desfilarem escravisadas as minhas tribus com os seus guerreiros, as suas mulheres e os seus *pagés* de Tupan.

O jesuita envenenou com o captiveiro os meus ares, e a cruz da redempção foi o patibulo de tres milhões de escravos!

E as minhas mattas ficaram tristes, as minhas

florestas caminharam até ás minhas bordas e me perguntaram:

Guriguacurú, que fizeste de teus filhos?

Desde então ellas se debruçam por onde eu passo, mas não me perguntam mais.

Vedes?

As minhas aguas são de alabastro, porém o meu véo é de crepe!

A America esqueceu o meu nome; as minhas raças escravisadas, ao avistarem-me, escondem o rosto entre as mãos, ajoelham-se e pedem um logar para morrer...

Hoje chamo-me — o Rio Negro!

THEATRO DOS INDIOS

SANTA URSULA, PELO PADRE ANCHIETA

Dialogo entre um Anjo e Satanaz, quando no Espirito Santo, se recebeu uma reliquia das Onze Mil Virgens

DIABO.

Temos embargos, donzella,
A serdes deste logar!
Não me queiras enganar,
Que com a espada e rodella
Vos hei-de fazer voltar.
Se na batalha do mar
Me pegastes,
É que as Onze Mil juntastes,
Que fizestes em Deus crer,
Não ha de agora assim ser :
Se estaes de mim triumphantes,

Hoje vos hei de vencer.
Não tenho contradicções
Em toda a Capitania,
Antes ella com porfía
Debaixo de minha mão
Se rendeu com alegria.
Cuido que errastes a via
E o sol tomastes mal :
Tornai-vos a Portugal,
Que não tendes sol nem dia,
Senão a noite infernal
De peccados,
Em que os homens ensopados
Aborrecem sempre a luz.
Se lhes fallardes na cruz
Dar-vos-hão mui agastados.

(*Aqui dispara um arcabuz.*)

ANJO.

O' peçonhento Dragão
E pae de toda a mentira,
Que procuras perdição
Com mui furiosa ira
Contra a humana geração!
Tu nesta povoação
Não tens mando nem poder,
Pois todos pretendem ser
De todo o seu coração
Inimigos de Lucifer.

DIABO.

Oh! que valentes soldados!
Agora me quero rir :
Mal me podem resistir
Os que fracos com peccados
Não fazem senão cahir.

ANJO.

Mas, se cahem, se levantam
E outros ficam de pé.
Se resistem, e se espantam.
Porque Deus com elles é.
E com excessivo amor
Lhes mandou essas esposas
Onze Mil Virgens formosas,
Cujo continuo favor
Dará palmas gloriosas;
E para dar maior pena,
A tua soberba inchada
Quer que seja derrubada
Por uma mulher pequena.

DIABO.

Oh que cruel estocada
Me tiraste,
Quando a mulher nomeaste!
Porque mulher me matou,
Mulher, me póde tirar.

E dando comigo ao traste,
A cabeça me quebrou.

ANJO.

Pois agora essa mulher
Traz comsigo estas mulheres,
Que nesta terra hão de ser
As que alcançam-lhe o poder
Para vencer teus poderes.

DIABO.

Ai de mim, desventurado,
Acolhe-te, Satanaz!

ANJO.

Aqui, traidor jazerás
De pés e mãos amarrado,
Pois que perturbaste a paz
Deste povo socegado.

DIABO.

O'Anjo, deixa-me já,
Que temo desta Senhora!

ANJO.

Comtanto que te vás fóra
E nunca mais tornes cá.

DIABO.

Ora seja na má hora.

(*indo-se, diz ao povo :*)

Ou deixai-vos descansar
Sobre esta minha promessa,
Ou darei volta depressa
A vossas casas cercar
E quebrar-vos a cabeça.

VILLA.

Motte.

Mais rica me vejo agora
Que nunca dantes me vi,
Porque ter-vos mereci
Virgem Santa por Senhora.

Glosa.

O Senhor Omnipotente
Me fez grande beneficio,
Dando-me aquella excellente
Legião de esforçada gente
Do grande martyr Mauricio.
Neste dia
Se dobra minha alegria
Com vossa vinda, Senhora!
E pois a Capitania

Hoje tem maior valia,
Mais rica me vejo agora.

Com perpetua memoria
De vossa mui santa vida,
E de morte esclarecida
Com que alcançaste victoria,
Morrendo sem ser vencida;
Serei mais favorecida,
Pois vindes morar em mim,
Porque, tendo vós aqui,
Fico mais enriquecida
Que nunca dantes me vi.

Da Senhora da Victoria
Victoria sou nomeada :
E pois sou de vós amada.
De Onze Mil Virgens na gloria
Espero ser coroada.
Por vós sou alevantada,
Pois que ter-vos mereci;
Meus filhos ficam honrados
Em vos terem por princeza,
Porque de sua baixeza
Por vós serão levantados
A ver a divina alteza.
Tudo temos,
Pois que, tendo a vós, teremos
A Deus que comnosco mora,
E logo desde esta hora

Todos vos reconhecemos
Virgem e martyr por Senhora.

Um companheiro de S. Mauricio vem a caminho da Virgem e diz :

Toda esta Capitania,
Virgem martyr gloriosa,
Está cheia de alegria,
Pois recebeu este dia
Sua mãe tão piedosa.
Nós somos seus padroeiros,
Com toda nossa legião
Dos thebanos cavalleiros
Soldados e companheiros
De Mauricio capitão.
Elle espera aqui por vós,
E tem prestes a pousada
Para com vossa morada
Verdes como somos nós,
Deste logar advogada.

URSULA.

Para isso sou mandada,
E com vossa companhia
Faremos mui grossa armada
Com que seja bem guardada
A nossa Capitania.

(S. Mauricio falla com S. Vidal ao entrar na igreja.)

S. MAURICIO.

Não bastam forças humanas,
Não digo para louvar,
Mas só para bem cuidar
As mercês tão soberanas,
Que com amor singular
  Deus eterno,
Abrindo o peito paterno
Faz a todo este logar,
Para que possa escapar
Do bravo fogo do inferno
E salvação alcançar.

Ditosa Capitania,
Que o Summo Pae e Senhor
Abraça com tanto amor,
Augmentando cada dia
Suas graças e favor!

S. VIDAL.

Ditosa por certo é,
Se não fôr desconhecida;
Ordenando, cria vida,
De modo que ajunte a fé
Com caridade escondida;
Porque as mercês divinaes
Então são agradecidas
Quando os corações leaes

Ordenam bem suas vidas
Pelas leis celestiaes.

S. MAURICIO.

Bem dizeis, irmão Vidal,
E por isso os sabedores
Dizem que obras são amores
Com que seu peito leal
Mostram os bons amadores.

S. VIDAL.

E destes quantos cuidais
Que se acham nesta terra?

S. MAURICIO.

Muitos ha, se bem olhais,
Que contra os vicios mortaes
Andam em perpetua guerra;
E guardando com cuidado
A lei de seu Creador,
Mostram bem serio amor
Que têm no peito encerrado
De Jesus, seu Salvador.

S. VIDAL.

Estes taes comprometteram
Lembrança do beneficio,
De terem por seu patrão

Com toda a nossa legião
A vós, capitão Mauricio.

S. MAURICIO.

Assim me têm,
E por isso o Summo Bem
Lhes manda aquella Senhora
— Onze Mil Virgens, que vêm
Para comnosco tambem
Serem suas guardadoras.

S. VIDAL.

Tão gloriosas donzellas
Merecem de ser honradas.

S. MAURICIO.

E comnosco ajoelhadas,
Pois que são virgens tão bellas,
De martyrios coroadas.

Recebendo a Virgem, diz S. Mauricio:

S. MAURICIO.

Ursula, grande princeza,
Do Summo Bem mui amada;
Boa seja a vossa entrada,
Grande pastora e cabeça
De tão formosa manada.

URSULA.

Salve, grande capitão,
Mauricio de Deus querido!
Este povo é defendido
Por vós e vossa legião,
E nosso Deus mui servido.
Sou delle agora mandada
A ser vossa companheira.

S. MAURICIO.

Defensora e padroeira
Desta gente tão honrada,
Que segue nossa bandeira,
Nós delles somos amados,
Elles guardados de nós.
Porque não sejamos sós
Serão agora ajudados
Comnosco tambem de vós.

URSULA.

Se os nossos portuguezes
Nos quizerem sempre honrar,
Sentirão poucos revezes
De inglezes e francezes,
E seguros podem 'star.

S. VIDAL.

Quem levantará pendão
Contra seis mil cavalleiros,

E contra o grande esquadrão
De nossos onze milheiros?

URSULA.

Com tres inimigos d'alma
Começam a desmaiar :
E pois tem este logar
Nome de Victoria e palma,
Sempre deve triumphar.

S. VIDAL.

Isso é o que Deus quer;
Guardem elles seu mandado,
Que nós teremos cuidado
De guardar e enriquecer
Este nosso povo amado

S. MAURICIO.

Se quereis,
Significar podereis.
Nem tendes melhor logar
Que aquelle santo altar,
No qual comnosco sereis
Venerado sem cessar.

URSULA.

Seja assim.
Recolhamo-nos ahi

Com o nosso Senhor Jesus,
Por cujo amor padeci
Abraçada com a cruz,
Com que elle morreu por mim.

Levando-a ao altar, lhe cantam :

Entrai *ad altare Dei*,
Virgem martyr mui formosa,
Pois que sois tão digna esposa
De Jesus, que é Summo Rei.

Naquelle logar estreito
Caberás bem com Jesus,
Pois elle com sua cruz
Vos coube dentro do peito.

O'Virgem de grão respeito,
Entrai *ad altare Dei*,
Pois que sois tão digna esposa
De Jesus, que é Summo Rei.

NOTAS

Entre os Tupinambás, *Caraïba* significava feiticeiro.

O mysterio de Jesus, de que damos excerptos, foi escripto em tupi e hespanhol. Os versos que reproduzimos, são da traducção do padre D. João da Cunha.

A festa das recompensas é baseada num artigo sob o mesmo titulo, do illustre Barbosa Rodrigues, inserto em nossa *Revista Anthropologica*.

Apezar desta obra ser uma idealisação, a verdade das chronicas constitue o seu principal ele-

mento : assim o papel de Anchieta na guerra dos Tamoyos e dos jesuitas no Maranhão.

O padre João Daniel, missionario jesuita no Amazonas, adianta que o numero de indios escravisados no Rio Negro elevou-se a seis milhões, sendo metade pelos padres da Companhia.

São de Luiz Duque Estrada, escriptor escolhido e de penna brillante, as bellas paraphrases que figuram n'este livro sob a rubrica *Mythos Amazonicos*.

(1) Vid. Mello Moraes Filho. *Mythos e Poemas.*

INDICE

A FLORESTA E A VIDA. 1

MYTHOS AMAZONICOS. 71

OS ESCRAVOS VERMELHOS 97

Pariz. — Typ. GARNIER IRMÃOS 6, rua dos Saints-Pères. 389.8.99.

nlos
m.x

30545